

DEFESA D'ESPINHO

Quinta-feira, 20 de agosto de 2020 | Edição n.º 4607 · Ano 88 · Semanário · Diretor Lúcio Alberto · defesadeespinho.pt · Preço: €0,70 (c/IVA)



Entrevista. Ricardo Teixeira não teve um percurso fulgurante como jogador de voleibol, mas faz carreira como técnico e já esteve no Benfica **p14 e 15**



© SARA FERREIRA

Destaque

'Bombeiros já mereciam um monumento em Espinho!'

Gomes da Costa, comandante do quadro de honra dos Bombeiros Voluntários do Concelho de Espinho, revela as suas vivências e a(s) história(s) de longas décadas ao serviço da comunidade espinhense e de outras populações do país. E até recorda as primeiras viaturas de emergência e de combate a incêndios! **p4, 5 e 6**

Mecos "cimentam" discórdia

A colocação de mecos de cimento no acesso do trânsito automóvel à Rua 2, junto ao cruzamento das ruas 4 e 23, é alvo de contestação por não viabilizar a passagem de viaturas de emergência **p8**



4500 Freguesias. Muro da Praia dos Pescadores interdito devido a risco de queda. Movimentação da areia na base de sustentação provocou inclinação **p9**

CADERNOS d'ESPINHO



AS QUINTAS-FEIRAS
5,95€
+
jornal DE

3º Volume
Sorte ao Jogo

Edição 20 agosto

Esta semana, na compra deste jornal, pode adquirir o terceiro dos quatro volumes dos Cadernos d'Espinho.

4500 Espinho. Drone que destrói ninhos de vespas asiáticas foi construído em Espinho

Pedro Macedo e Mário Dias querem levar projeto, que consideram seguro e eficaz, às autarquias. **p7**



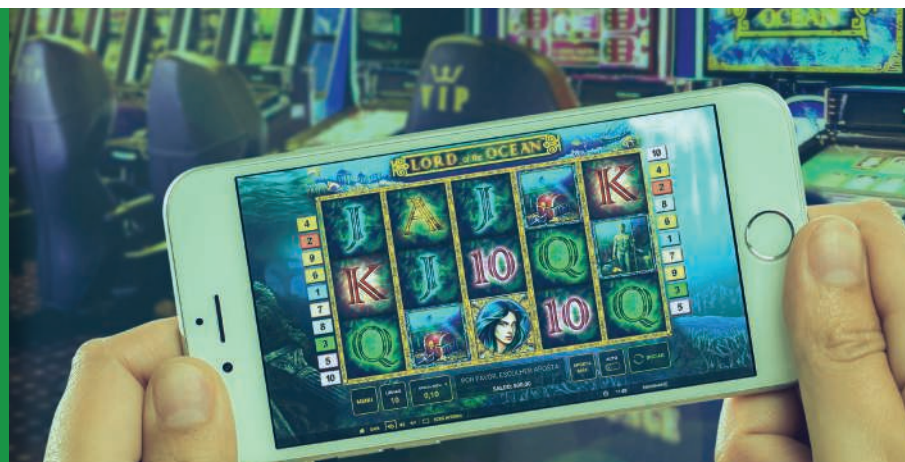
PASSATEMPO
Dia Mundial da Fotografia 19 de agosto



CASINOSOLVERDE.PT

Os melhores jogos de casino,
também online!

18+ SEJA RESPONSÁVEL. JOGUE COM MODERAÇÃO.



visto daqui



DESTAQUE

4, 5 e 6 | Entrevista: Gomes da Costa, comandante do quadro de honra dos Bombeiros Voluntários do Concelho de Espinho

Gomes da Costa relata as suas vivências e curiosidades dos antigos Bombeiros Voluntários de Espinho e considera que os ditos "soldados da paz" não são devidamente reconhecidos pelos riscos que correm em prol dos outros. "No verão toda a gente se lembra dos bombeiros, mas no inverno já ninguém faz referências aos bombeiros..."

4500-ESPINHO

7 | Drone que neutraliza ninhos e mata vespas asiáticas

Projeto nasce em Espinho, pelas mãos de Pedro Macedo e de Mário Dias, está em fase de testes e de comercialização.

8 | Acesso de carros à Rua 2 pela Rua 23 bloqueado com mecos de cimento gera polémica

Câmara pondera impedimento em definitivo e residentes questionam a segurança em caso de emergência

4500 FREGUESIAS

9 | Muro junto à Praia dos Pescadores (Silvalde) inclinado e quase a cair

Base de sustentação de areia foi-se movimentando, provocando a inclinação do muro - Câmara Municipal irá reconstruir de forma mais sólida

PESSOAS & NEGÓCIOS

13 | Covid-19 abalou ainda mais fotógrafos espinhenses

Pandemia veio abalar ainda mais quem tem sobrevivido ao longo dos anos. Sem cerimónias, eventos e meses de pouco trabalho, fotógrafos têm dúvidas quanto à sobrevivência no futuro

DEFESA-ATAQUE

14 e 15 | Entrevista: Ricardo Teixeira, tem 36 anos, cresceu no voleibol do Sporting de Espinho, onde foi jogador dos 6 aos 18 anos

Já foi o responsável pela análise de jogo da equipa de voleibol do Benfica e treinador da Académica Espinho e do Vólei Clube de Viana

16 | Futebol: divergências com o Fiães levam tigres a deixar o Estádio do Bolhão

Espinhenses procuram solução dentro, ou fora, do distrito de Aveiro

16 | Correr na areia ajuda a tornar um atleta mais forte e com melhor preparação, mas há que ter cuidados

Este tipo de exercício é muito habitual entre atletas, mas começa a despertar cada vez mais curiosidade em quem gosta de uma boa corrida e de aproveitar a praia ao mesmo tempo

OFF

18 | "Gostava de fazer a apresentação de um livro meu na minha terra" - Sérgio Almeida

"A escrita para crianças é a reconciliação com um lado primacial da existência que não renego por nada", garante o escritor (e jornalista)

19 | Passatempo: fotografia

EDITORIAL Lúcio Alberto

A velhice e a pobreza dos novos tempos

Um estudo revelado no início de 2020 dava nota de que em 2018 foram registados 29.509 habitantes no concelho de Espinho e que, por cada 100 residentes, havia 26 idosos com 65 ou mais anos. Já no ano em curso, a Polícia de Segurança Pública encetou um modelo de policiamento de proximidade, frisando que a solidariedade não tem idade e que urge melhorar a qualidade do serviço prestado ao cidadão vulnerável, atendendo aos riscos associados aos idosos, agravados pelo seu isolamento social. As vulnerabilidades dos cidadãos menos novos são físicas, psíquicas e, sobretudo, socioeconómicas. Mais isolados e com menos capacidade de mobilidade, os seniores ficam mais expostos ao risco de ameaça, coação, roubo, burla, extorsão e ofensa à integridade física, que também pode resultar no quadro de violência doméstica. Entretanto, a pandemia da Covid-19 agravou a fragilidade da população com idade mais avançada, debatendo-se não só com a solidão e a sua exposição a novas dinâmicas criminais, como ainda a acrescidas carências logísticas e financeiras, resultando em (acentuado) empobrecimento. Há quem defenda que para se erradicar a pobreza é preciso combater as causas e exigir soluções. Uma missão que não se afigura fácil e rápida, seja em Espinho ou no resto do país. Haja (boa e muita) vontade! A erradicação da pobreza deve ser assumida como uma causa coletiva, mas inquestionavelmente dependente da consciencialização permanente e não só pontual, quando é conveniente mostrar à sociedade que estamos preocupados com a franja vulnerável da sociedade, ou quando se assinala uma efeméride qualquer ou se comemora um dia a pretexto de qualquer coisa. A pobreza já existia antes da pandemia da Covid-19, mas agravou-se com sub-rendimentos, desinvestimento e desemprego. Aumentou o universo de sem-abrigos, de bairros de lata, de famílias com precariedade laboral e escassa sustentabilidade. É esta a nova imagem do país, mas que também desponta no concelho, atenuada, aqui e ali, com redobrado empenho de movimentos e ações que emergem do seio das paróquias e das instituições de solidariedade social, ou até de cidadãos que no anonimato deixam estrategicamente produtos alimentares, roupa, mantas e outros agasalhos neste ou naquele lugar da cidade ou de todo o concelho. Os estudos anteriores à pandemia da Covid-19 davam nota de que em Portugal havia uma em cada quatro pessoas que vivia no limiar da pobreza e da exclusão social. O cenário tende a agravar-se e, por isso, não basta avaliar e abordar a pobreza com meras práticas assistencialistas e medidas imediatistas e/ou mediáticas. A pobreza é uma realidade estrutural, mas cada vez mais sentida por quem a corporiza, seja idoso ou mais novo, e já ampla e nitidamente visível...

feira semanal

Factos e figuras da semana



Linha do Norte O arranque em breve da primeira fase do Plano Ferrovia 2020 que contempla a requalificação integral do troço entre Gaia e Válega (Ovar), com passagens pedonal (superior) e rodoviária (inferior) em Silvalde e uma passagem inferior rodoviária na zona do Rio Largo, em Espinho, é uma boa nova da IP - Infraestruturas de Portugal. E também com elevada expectativa se pode registar a segunda fase do Plano Ferrovia 2020 com a construção de mais uma passagem desnivelada em Silvalde e outra em Paramos.



Drone nas praias Foi testado no concelho o projeto de socorro por drone a vítimas de paragem cardiorrespiratória nas praias. Em caso de paragem respiratória, drone é acionado com recurso a uma app. O aparelho leva depois até ao local da ocorrência a caixa com o desfibrilhador automático externo.



Campo incerto O Sporting de Espinho corre o risco de não usufruir do Estádio do Bolhão, em Fiães, na época futebolística que se avizinha. Caso se confirme esta possibilidade, o clube tigre terá de encontrar uma solução para as jornadas na qualidade de visitado no Campeonato de Portugal da época de 2020/2021. É caso para constatar que o futebol do Sporting de Espinho anda com "a casa às costas" de um lado para o outro e, por isso, necessita urgentemente do estádio municipal.



1 A 31 AGOSTO

50%

DESCONTO
EM TODOS OS
CONSUMOS DE BAR

PROMOÇÃO NÃO APLICÁVEL A TABACO.
NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS PROMOÇÕES.
EXCLUI PREÇOS PRIVILEGE CLUB.



destaque

ENTREVISTA



Gomes da Costa, junto ao carro n.º 3, de 1930, no quartel dos Bombeiros Voluntários de Espinho

©SARA FERREIRA

Gomes da Costa “Nunca aceitei a rivalidade efervescente entre os bombeiros do concelho”

NASCIDO A 22 DE NOVEMBRO DE 1941, GOMES DA COSTA ASSUMIU O COMANDO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO EM 1991, E FIGURA AGORA NO QUADRO DE HONRA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DO CONCELHO DE ESPINHO, RESULTANTES DE UMA FUSÃO QUE TANTO ANSIOU.

O dirigente desfruta de prestígio distrital e nacional no seio dos bombeiros, tendo recebido um vasto rol de reconhecimentos e louvores no desempenho de uma missão que abraçou em 1959. “Foi com muita honra que fui distinguido com a Medalha de Honra e de Cidadão de Espinho. E a entrega da condecoração aconteceu num evento comemorativo do Dia do Bombeiro Português que se realizou em Espinho!”

LÚCIO ALBERTO

COMO E QUANDO é que começou a sua atividade de bombeiro? Foi por vocação, ou por acaso?

A minha história de bombeiro começou quando eu era muito jovem, mesmo ainda miúdo. O meu pai tinha um estaleiro de blocos de cimento, onde hoje é o salão paroquial e a escola. Por isso, andava muito por ali na brincadeira com os outros miúdos e, quando tocava a sirene, nós lá íamos a correr para o quartel a ver os bombeiros a chegar para irem acudir ao sinistro. Esse cenário e essa adrenalina motivaram a minha vontade em ser bombeiro. Por outro lado, eu e os meus amigos servíamos de cobaias nos exercícios que os Bombeiros Voluntários de Espinho faziam no lançamento das mangas de salvação e que para nós era como brincar no ‘escorrega’. Eu alistei-me em 2 de março de 1959 e um meu amigo que já era bombeiro, da esco-

la anterior à minha, perguntou-me se eu não queria ser bombeiro. Foi então que me inscrevi, com 17 anos, e frequentei a escola dos Bombeiros Voluntários de Espinho.

Após a formação na escola dos Bombeiros Voluntários de Espinho, qual foi o seu primeiro exercício prático como bombeiro?

Foi num incêndio urbano na Rua 12, em Espinho. Foi um incêndio sem grande significado porque, quando chegámos, debelámos logo o incêndio que era fácil de dominar.

Ainda era a época das viaturas abertas dos bombeiros...

Quando eu fui para os bombeiros só existia aquele carro aberto de 1930, que ainda lá está no quartel e que é o número 3, e um carro fechado que era o número 5, ambos para combater aos incêndios, mas que não estavam equipados com tanques de água. Quando íamos para os incêndios tínhamos de transportar a moto-

bomba, fazer a montagem das agulhetas, etc. Havia também uma ambulância Renault que era o número 4.

Entretanto, surgiu uma novidade para a época com depósito de água nas viaturas de combate a incêndios. Já nada era como dantes?

O primeiro carro com água que tivemos foi o número 6, um Land Rover com 400 litros de água. Nesse tempo, foi uma grande melhoria para os bombeiros, porque havia, então, entre 1959 e 1962, muitos incêndios em chaminés. As lareiras eram muito usadas nesse tempo e os incêndios sucediam-se, mas a viatura com 400 litros de água e agulheta adequada foi uma mais-valia para o combate a incêndios em chaminés.

O carro número 1 já não existe...

Foi pena terem-no mandado para sucata. Era um carro que tinha as rodas de madeira e os

80

anos de idade.
Natural de Espinho

1959

Bombeiro desde os 17
anos. Assumiu o comando
dos BVE em 1991

“A localização do novo quartel adequa-se à operacionalidade dos bombeiros e a uma rápida intervenção, para aqui ou para ali, quer no concelho, quer no exterior quando solicitados os seus préstimos. Está muito bem situado e próximo das vias rápidas de acessos a outras localidades”

pneus eram de borracha maciça. O acionamento dele não era por transmissão, mas sim por correntes. Quando fui para os bombeiros, as correntes ainda lá estavam no quartel. As correntes eram grandes e fortes e movimentavam o carro sem ser por meio de transmissão. Foi pena esse carro ter ido para a sucata porque hoje teria um valor incalculável em qualquer museu. São das tais asneiras que se fazem...

E o carro número 2? E os outros?

Era uma ambulância, já grande para a época. O carro 7 era também uma ambulância, 'boca-de-sapo', que veio diretamente de França. O carro 8 era um carro de nevoeiro porque tinha alta e baixa pressão. A alta pressão fazia nevoeiro, pois com a agulheta podemos fazer nevoeiro no combate a um incêndio. Hoje está ultrapassado, embora esteja guardado para um futuro museu dos bombeiros, assim como o 12, um carro americano que foi um grande equipamento para os bombeiros de Espinho. Agora está desatualizado, mas ainda funcional.

E não havia um carro que era puxado pelos bombeiros?

Sim. A picota é uma bomba braçal que ainda está no quartel e nunca teve numeração, sendo anterior ao carro 1. Os bombeiros puxavam a picota e, quando tocava a sineta no quartel - ainda não havia a sirene - até os escuteiros disponibilizavam-se para ajudar ao longo do percurso.

O som da sineta tem menos impacto que o da sirene...

Ouvia-se porque Espinho não tinha os prédios que tem hoje, nem tão altos. Toava a sineta e os bombeiros vinham, fardavam-se, agarravam na picota e até os escuteiros e os civis ajudavam a puxar com a corda até ao local do incêndio. Havia ainda os aguadeiros que iam enchendo constantemente a picota com água. Eram outros tempos!

Qual foi o primeiro incêndio com mais impacto na sua carreira? E os outros?

O primeiro foi na passagem de ano de 1964 para 1965, na doca de Leixões, em Matosinhos, o quer dizer que passei lá o ano. Foi um grande incêndio que começou num estaleiro e com as partículas de algodão a arder voando para casas próximas, o que dificultou bastante a ação dos bombeiros. Foi um incêndio que me marcou bastante enquanto bombeiro. Outro incêndio que me recordo especialmente foi na Corfi, em Espinho, no ano de 1966, tendo ardido toda a parte norte do edifício. Os motoristas tinham transportado o sisal e estavam a aquecer com lamparina a comida para o almoço, mas aquilo

entornou e pegou ao sisal, não tendo salvação... O fogo pegou tão rapidamente que quando os bombeiros lá chegaram já estava toda a parte norte do edifício ardida.

Houve algum incêndio florestal, fora de Espinho, que lhe tivesse dado mais trabalho e preocupação?

Por exemplo, um na Serra do Açor, tendo eu comandado o grupo de bombeiros do distrito de Aveiro. Esse incêndio na Serra do Açor deu-nos bastante que fazer. Foi uma noite e um dia inteiros a combater o incêndio que lavrava numa extensão de floresta em que não se avistava o fim.

Qual foi o serviço que mais o marcou sem ser no combate a incêndios?

O acidente que mais me marcou no serviço de bombeiro foi o de um homem apanhado pelo comboio, em frente à Fábrica de Conservas Brandão Gomes, onde se atravessava frequentemente a linha e muita gente foi assim apanhada pelos comboios. Esse infeliz ficou muito maltratado e ainda chegou com vida ao hospital, mas já não havia nada a fazer por ele.

Teve alguma intervenção no mar? Onde os perigos também espreitam os mais incautos ou azarados...

Contribuí para que os Bombeiros Voluntários de Espinho, e hoje designados por fusão como Bombeiros Voluntários do Concelho de Espinho, tivessem nadadores-salvadores. Essa seção foi a menina dos meus olhos e tudo começou com uma conversa que tive com o subchefe dos Bombeiros Voluntários da Aguda e com o comandante Veiga Ribeiro, dos Bombeiros Voluntários de Espinho. Nessa altura, o Instituto de Salvamento a Náufragos implementou, desde Espinho até Esposende, os respetivos postos de ação com nadadores-salvadores e equipamento de apoio. E assim passou a haver equipas de salvamento a náufragos nas praias, com redução de pessoas desaparecidas no mar logo no primeiro ano de atividade, em 1971. O comandante Veiga Ribeiro deu-me a responsabilidade dessa seção e eu tinha cinco postos nas praias com nadador-salvador, bombeiro e rádio. A embarcação pneumática e a ambulância estavam na Praia da Baía, junto à Rua 19, e ali até aterrava um helicóptero se fosse preciso. Para isso foi criada uma 'helipista' com um 'h' pintado no chão.

Falou em Veiga Ribeiro, mas qual foi o seu primeiro comandante?

O meu primeiro comandante era veterinário, ou seja o Dr. Elísio Gomes. Nessa altura, o comandante era uma figura decorativa, não tinha de estar fardado e era uma pessoa de relevo em Espinho, que na altura era vila. Nunca o vi fardado. Depois veio o comandante Veiga Ribeiro que se apresentou logo fardado. Era todo militarista, no bom sentido, porque gostava das coisas muito direitas e aprumadas e era muito exigente, tendo transformado os Bombeiros Voluntários de Espinho numa boa corporação, eu diria de gabarito.

O comando de Veiga Ribeiro foi pacífico e sem atritos, face à exigência que impunha ao corpo voluntário de bombeiros, ou foram acatadas com naturalidade os seus métodos e posições?

Houve atritos porque aqueles que estavam habituados à bandalheira, passe o termo, não



Gomes da Costa desfruta de prestígio distrital e nacional no seio dos bombeiros, tendo recebido um vasto rol de reconhecimentos e louvores ao longo da sua carreira.

“A localização do quartel é uma solução melhor do que a que estava prevista para a desativada carreira de tiro militar.”

“O corpo de bombeiros do concelho de Espinho está muito bem entregue ao comandante Pedro Louro”

encararam bem a disciplina. Ele impôs uma disciplina com respeito, mas com firmeza. Mas isso também aconteceu comigo.

Também aconteceu consigo?!

É uma longa história que eu explico rapidamente. Foi quando Veiga Ribeiro faleceu e ficou a comandar interinamente o segundo comandante que era Alberto Faustino. Eu era o ajudante do comando, tendo vindo depois para comandante um capitão. Mas o senhor não estava habituado a estas coisas e aquilo deu em 'pedreira'. Até que, ele próprio, pediu a exoneração do cargo.

'Pedreira', ou seja confusão...

Pois, porque ele alinhava com a bandalheira dos bombeiros e eu pedi então para ir para o

quadro honra, porque não me revia naquela indisciplina. Pedi a minha primeira passagem ao quadro de honra, porque não queria ter nenhuma responsabilidade naquela desorganização. De facto, as bandalheiras não servem para mim. Entretanto, o comandante acabou por pedir a exoneração e nessa altura o presidente da direção da associação de bombeiros era Américo Padrão, que também foi presidente do Sporting Clube de Espinho. Eu estava no quadro de honra mas ia praticamente todos os dias ao quartel e Américo Padrão disse-me, então, que estava a pensar numa solução para o corpo de bombeiros e que consistia na promoção de Alberto Faustino para primeiro comandante, antes da passagem para o quadro de honra, e no convite a mim para segundo comandante e logo depois para primeiro comandante.

Assim foi! Mas ainda não acabou a história...

E assim foi! Mas havia aqueles bombeiros que me olhavam de soslaio, porque eu tinha passado para o quadro de honra, porque não admitia indisciplina e, quando me viram no cargo de segundo comandante, foi como se tivessem visto uma nuvem negra. Apercebi-me disso. Disse então numa reunião que parecia que andavam por ali dúvidas no ar, mas eu ia ser o segundo comandante e com a responsabilidade de liderar o corpo de bombeiros. E acrescentei quem não aceitasse só tinha uma coisa a fazer, que era demitir-se, porque quando eu entrasse ao serviço a bandalheira ia acabar. Fiz também questão de realçar que agradecia a quem me acompanhasse para que fosse assegurado um exemplar corpo de bombeiros. Toda a gente se calou, o que foi bom sinal.

Como é que encarava a existência de duas associações/corporações de bombeiros voluntários num concelho geograficamente pequeno e com quartéis na mesma rua (a 16)?

Eu quando fui em ação para os primeiros incêndios, ainda era aspirante de bombeiro e já com uma determinada formação, comecei a não encarar bem a guerra que havia entre as duas corporações. Os bombeiros gladiavam-se! Davam com as agulhetas uns aos outros... Andavam a defender a mesma causa, mas andavam à guerra uns com os outros. Diziam que a rivalidade era sã, argumentando que fazia cada um que cada um quisesse fazer melhor... Mas eu pensava que se podia tentar fazer melhor sem rivalidade. Nunca aceitei a rivalidade efervescente entre os bombeiros do concelho.

Quando é que teve oportunidade para tentar eliminar ou atenuar a rivalidade que se agudizava ao longo de décadas?

Quando já estava no comando, soube que os bombeiros andavam cada vez mais de costas voltadas e decidi que iria aparecer num próximo incêndio para lhes dizer o que sentia e achava da situação. Houve um incêndio em Silvalde e lá fui eu fardado e quem estava a coordenar a intervenção era um antigo subchefe dos Bombeiros Voluntários Espinhenses. Reparei então que os bombeiros da minha corporação estavam a recolher o material e perguntei-lhes quem é que tinha dado ordens para isso. Responderam que a intervenção já tinha acabado e tal... mas ordenei-lhes para estenderem de imediato o material no chão. Virei-me a seguir para o subchefe Amadeu, dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, dizendo-lhe que ele é que era o comandante em exercício no teatro de operações e que por isso comandava na circunstância os dois grupos de bombeiros. E se ele entendesse que o rescaldo do incêndio estava feito, então quando entendesse devia ser ele a ordenar a recolha do material aos dois grupos que deviam atuar em grupo e formar no fim. E assim foi, mas cada grupo estava a formar para o seu lado... E logo disse que não devia ser assim e que queria uma 'caldeirada', formando um bombeiro de Espinho alternadamente com um bombeiro dos Espinhenses, ou seja tudo misturado. Disse-lhes então, sem a presença de qualquer civil, que era uma vergonha o que andavam a fazer de costas voltadas, uns para os outros!

Assim era...

E assim foi também num acidente de viação



© SARA FERREIRA



em que um subchefe dos Espinhenses foi oportuno e incorreto e eu tive de ir ao quartel dele dizer-lhe pessoalmente para que não voltasse a proceder da mesma forma, porque os bombeiros de ambas as corporações andavam na mesma missão. Foi uma luta, mas eu e ele passamos a ser bons amigos.

Teve ensejo de fazer amigos no decurso da sua longa e intensa atividade nos bombeiros, mas sobrou-lhe tempo para ir ao cinema, ao teatro, ou a eventos de animação e cultura?

Fui ao cinema, fui... mas em serviço! E assim fui ao cinema no Cineteatro S. Pedro e no Auditório do Casino, porque os bombeiros eram solicitados para estarem de prevenção. As portas do cinema só abriam ao público depois dos bombeiros lá estarem e dizerem que estava tudo em ordem para as sessões. Às vezes era aborrecido porque se via o mesmo filme durante duas semanas!

E ainda tinha oportunidade para ler livros e ver televisão? Ou de ir à praia?

Ainda dava para isso, antes de adormecer, mas dormia poucas horas! Era empresário no ramo de blocos de cimento e fazia questão de chegar cedo de manhã e nem sempre saía em último porque a fábrica estava operacional 24 horas por dia. Passei a patacos a minha quota e reformei-me. Não sou muito de ir à praia. Molhar os pés no mar, ainda molho... mas ninguém conte comigo para mergulhar!

Mas ia de férias com a sua família?!

Quem?! Eu?! Eu levava a minha mulher e as minhas filhas aos parques de campismo, mas tinha de voltar a Espinho porque era preciso dar todo o apoio aos bombeiros e a quem precisasse de nós.

Os bombeiros voluntários são devidamente reconhecidos pelo esforço, a abnegação e os

“A fusão dos bombeiros já era pretendida há muito tempo e já fora debatida e acertada, mas toda a gente que se comprometeu tinha de avançar. Limámos todas as arestas, mas simplesmente as coisas não se processaram como se tinha combinado. E havendo uma parte a recuar, nada feito...”

“Eram duas associações/corporações a 370 metros de distância de um quartel ao outro, mas ainda bem que andaram agora para a frente. Sempre sonhei com a fusão dos bombeiros da minha terra e sempre entendi e acreditei que era a melhor solução, porque dantes as despesas eram a dobrar e os subsídios e outros apoios eram a repartir”

Os bombeiros voluntários já mereciam um monumento em Espinho, como há noutras terras!

riscos que correm em prol das populações e do território florestal?

No verão toda a gente se lembra dos bombeiros, mas no inverno já ninguém faz referências aos bombeiros. E note-se que no meu tempo as condições dos bombeiros não eram tão sofisticadas como agora até a farda era a de facto-macaco no combate aos incêndios! A Força Aérea ainda nos dava calças e blusões, mas era uma pobreza! Ainda bem que hoje os bombeiros estão equipados com equipamentos de proteção e fatos de aproximação ao fogo.

Espinho reconhece o mérito e o altruísmo dos bombeiros voluntários?

Os bombeiros voluntários já mereciam um monumento em Espinho, como há noutras terras! •

4500 Espinho

PROJETO INOVADOR

Drone que neutraliza e mata vespas asiáticas desenvolvido em Espinho



Pedro Macedo é construtor de drones, tem em curso vários outros projetos e os testes deste novo equipamento foram feitos em Paramos, no complexo desportivo da freguesia.

Um drone, equipado com uma arma de paintball, que ataca e destrói ninhos de vespas asiáticas, está a ser desenvolvido em Espinho, pelas mãos de Pedro Macedo e de Mário Dias. Os testes já foram realizados em Paramos e os criadores do equipamento estão, agora, a divulgá-lo junto das autarquias para arrancar com a comercialização.

MANUEL PROENÇA

O DRONE QUE destrói ninhos de vespas não é muito diferente de um outro equipamento que é utilizado em Espanha, na Galiza. Mas o que o paramense, Pedro Macedo, está a desenvolver há alguns meses tem um conjunto de inovações que visam tornar o equipamento mais versátil e mais fácil de ser manobrado. Em síntese, trata-se de um drone com a mesma tecnologia de estabilização que as câmaras fotográficas, no qual é instalada uma arma que dispara balas de borracha semelhantes ao paintball. A única diferença é que, em vez de tinta, estas balas contêm um produto biocida

capaz de eliminar com sucesso a vespa asiática. O disparo é feito nos momentos em que o insecto não está no ninho, sendo possível a este drone libertar até 20 balas por dia e operar em período noturno.

A ideia de criar este equipamento surgiu, segundo Pedro Macedo, em “conversa com um agente de autoridade de Amarante”, tendo este transmitido o problema que “os apicultores viviam diariamente e que lhes causava milhares de euros de prejuízo nas colmeias”. O mentor deste projeto começou, então, por imaginar “um drone com uma cana, que injetasse inseticida no ninho das vespas”, mas a solução, revela, seria “muito difícil” de executar. Surgiu, depois, a ideia de “usar um marcador de paintball”, tendo o espinhense desenvolvido um sistema de disparo na arma e um sistema de ‘tilte’ – que permite inclinar a arma, de cima para baixo – capazes de “dar mais versatilidade e eficácia perante a ramificação das árvores”. Esta, assegura Pedro Macedo, “é a grande inovação deste sistema”, acrescentando que “a câmara está colocada em cima do tubo da arma e, por isso, tem muita precisão”.

Segundo Pedro Macedo, com este seu equipamento “não há a necessidade de fazer os disparos de muito longe e a operação é muito rápida, envolvendo entre 10 a 12 tiros”. “As bo-

“São inúmeras as vantagens relativamente a todos os outros sistemas, mesmo os operados pelos bombeiros, sobretudo pelos meios e pelos riscos”.

Pedro Macedo

“O piloto opera o drone através de uns óculos, vendo a imagem que está fixa ao cano da espingarda. Isto dá uma nitidez de imagem incrível e, também, grande precisão no disparo”.

Mário Dias

las contêm um biocida específico e estudado para neutralizar e matar as vespas asiáticas, que fica nos ninhos durante cerca de três dias. É uma bola em silicone que molha o ninho internamente e esta operação não tem de se fazer durante a noite, porque as vespas que forem chegando vão morrendo com o veneno”, descreve o criador do drone.

Tanto Pedro, como o parceiro de projeto, Mário Dias, têm estado atentos a outros sis-

temas que são desenvolvidos no estrangeiro, mas garantem que esta sua inovação é, realmente, mais eficaz: “já vimos a utilização de vários sistemas noutros países, só que a arma é fixa. Isto limita a atuação do drone se o ninho estiver muito no interior da árvore. Este sistema é eficaz, apenas, para ninhos que estejam descobertos. O nosso sistema é ajustável o que dá, por isso, grande eficácia no tiro. Mesmo que o drone esteja a lutar com o vento, a arma está sempre apontada para o alvo”.

Por outro lado, os promotores deste projeto consideram-no “seguro”, uma vez que “pode ser operado a várias centenas de metros do local em que estão as vespas e os disparos poderão fazer-se a dois ou três metros do ninho”. “As vespas sabem onde está o drone mas nunca sabem onde nós nos encontramos. Mas, se forem ter com o drone, vão morrer com as hélices. O regresso do drone poderá ser feito automaticamente, subindo à altitude que pretendemos e é um equipamento que está preparado para voar com ventos muito fortes”, sublinham Pedro Macedo e Mário Dias. •



Funerária Nª Sª d'Ajuda
Sancebas

Em parceria com  Servilusa

**Gente da nossa terra,
ao serviço das famílias**

Serviço
funerário
desde **995€***

Rua 20 N.º 887
4500 - 266 ESPINHO

Loja-NossaSraDajuda@servilusa.pt
TEL. 227 345 129 | TLM. 917 738 092



4500 Espinho

POLÍTICA

PS alerta para o risco da arte xávega desaparecer no concelho



© DIREITOS RESERVADOS

Os vereadores da oposição dão nota de que o executivo da Câmara Municipal de Espinho votou contra a proposta apresentada pelo PS para a adoção de medidas de apoio aos profissionais da arte xávega e à comunidade piscatória.

A RECUSA na concessão de apoios propostos foi alegada pela falta de tempo na análise processual, mas a vereação socialista considera que foi colocada em risco a sobrevivência da arte xávega no concelho, “ignorando as grandes dificuldades sentidas por toda a comunidade piscatória.” É ainda apontada a desvalorização da “possibilidade séria” de se ver desaparecer “uma parte importante da identidade e história” do concelho, “enquanto se mantém

focado em obras populistas, demagógicas e desfadas das reais necessidades das pessoas e do território.”

A proposta apresentada pelo PS é resultante de uma reunião com os profissionais do setor e consistia na atribuição de um apoio financeiro às companhias em atividade; na isenção de taxas às companhias e comerciantes de peixe e na compra do excedente do pescado da arte xávega para entrega numa bolsa de instituições do setor social.

“É incompreensível e inaceitável que uma Câmara Municipal que recorre frequentemente à arte xávega e à comunidade piscatória para promover a imagem do concelho deixe agora ao abandono estas comunidades, fugindo às suas responsabilidades sem dar respostas concretas às suas necessidades.” // LA •

DRAMA

Encontrado cadáver de sem-abrigo em casa devoluta na zona industrial

FOI ENCONTRADO, na manhã de 17 de agosto, na zona industrial de Silvalde, o cadáver, em avançado estado de decomposição, de um homem, com cerca de 60 anos, e que as autoridades policiais suspeitam que seja de um sem-abrigo que estava desaparecido há várias semanas.

O corpo foi localizado entre um amontoado de lixo e roupa no interior de uma casa devoluta, por um emigrante, amigo da vítima que, aquando das deslocações a Portugal, costumava visitar o sem-abrigo.

O cadáver foi transportado para o Gabinete do Instituto de Medicina Legal, no Hospital S. Sebastião, em Santa Maria da Feira, tendo a PSP procedido às primárias averiguações, decorrendo a investigação de eventuais dados que possam determinar as causas da ocorrência descoberta pelas diligências do altruísta emigrante e amigo do sem-abrigo. // LA •

MOBILIDADE

Mecos de cimento no acesso à Rua 2 causam polémica

A colocação de mecos em cimento no acesso à Rua 2, a poente da Rua 23, para impedimento do trânsito automóvel proveniente da Rua 4, está a causar celeuma no que concerne à eventualidade da necessidade de viaturas de emergência.



© FRANCISCO AZEVEDO

LÚCIO ALBERTO

A CÂMARA Municipal de Espinho dá nota de que a colocação dos mecos na Rua 23 pretende libertar a Rua 2 de circulação automóvel, criando melhores condições de segurança a um espaço que deve ser consagrado a peões e ao usufruto da frente de mar. “A circulação de viaturas naquela rua em plena época balnear acarreta perigos para a segurança das pessoas, constrangimentos de várias ordens, designadamente ambientais”, segundo a vereadora Lurdes Ganicho, que elenca ainda a “afetação do bem-estar” e o “normal funcionamento” de restaurantes e esplanadas ali situados.

No entanto, vários residentes e investidores da restauração têm manifestado nas redes sociais perplexidade e indignação pela colocação de mecos em cimento na Rua 23, junto à Rua 4, vedando o trânsito automóvel à Rua 2, alegando acrescidas dificuldades de acesso, ou até de inacessibilidade, de viaturas de emergência médica e de combate a incêndios em eventuais ocorrências.

Por seu turno, a Câmara Municipal de Espinho argumenta que a circulação de viaturas de emergência está assegurada com acessos pela Rua 27, entradas de emergência pela zona de esplanada a norte e junto ao parque de estacionamento subterrâneo, ali existente.

No entanto, a vereadora Lurdes Ganicho revela que está previsto que dois dos cilindros passem a ser amovíveis ou rebatíveis para excecionalmente e pontualmente permitir o acesso a cargas e descargas e recolha de lixo, “por forma a facilitar a atividade dos estabelecimentos de restauração e residências ali instaladas.”

Todavia, as manifestações de desagrado prosseguem esporádica e veemente, visando a alteração do quadro, por enquanto, provisório, mas que se perspetiva como base de uma deliberação futura.

“Quem quiser ir para a praia com a moto-de-água não consegue entrar ali”, constata Hugo Santos, que reside perto dos mecos em cimento colocados neste verão para desertificar o trânsito automóvel na Rua 2. “Um senhor já esteve ali a tentar passar com a moto-de-água, tentando de frente e de lado... Mas como não conseguiu, optou por tirar umas fotos com o telemóvel, talvez para as enviar alguém... Podiam optar pelo sistema amovível que, por exemplo, há no Porto e noutras cidades, com os mecos a subirem e a descerem consoante as necessidades, principalmente dos bombeiros. Agora assim, com mecos em cimento, não me parece a melhor solução.”

“Era preferível que os mecos não fossem em cimento e que houvesse comandos para os serviços de bombeiros, policiamento e recolha de lixo”, regista, por seu turno, Francisco Fernandes. “De certeza que essa opção ajudaria muito em caso de necessidade e oxalá não haja nenhum caso! Possivelmente, quem decidiu a colocação dos mecos em cimento no acesso da Rua 4 à Rua 2, pela Rua 23, deve ter avaliado a passagem das viaturas de emergência pela zona da esplanada e desde a zona do Casino.

“Todos os acessos à praia têm de estar e devem estar desbloqueados para acesso de meios de salvamento”, alerta Isabel Fonseca. “Não faz sentido a colocação de mecos em cimento a impedir a passagem de viaturas de emergência para a Rua 2.” •



“Os mecos de cimento impedem a passagem dos carros, mas também não viabilizam a passagem das viaturas de emergência, se forem precisos para ocorrências na Rua 2 ou na praia”

Isabel Fonseca



“Se houver um incêndio ou alguém precisar de uma ambulância para ir ao hospital, porque se feriu, ou ficou doente, os bombeiros têm de ir dar a volta para passarem pelo passeio da beira-mar e com zonas apertadas por causa das esplanadas”

Hugo Santos



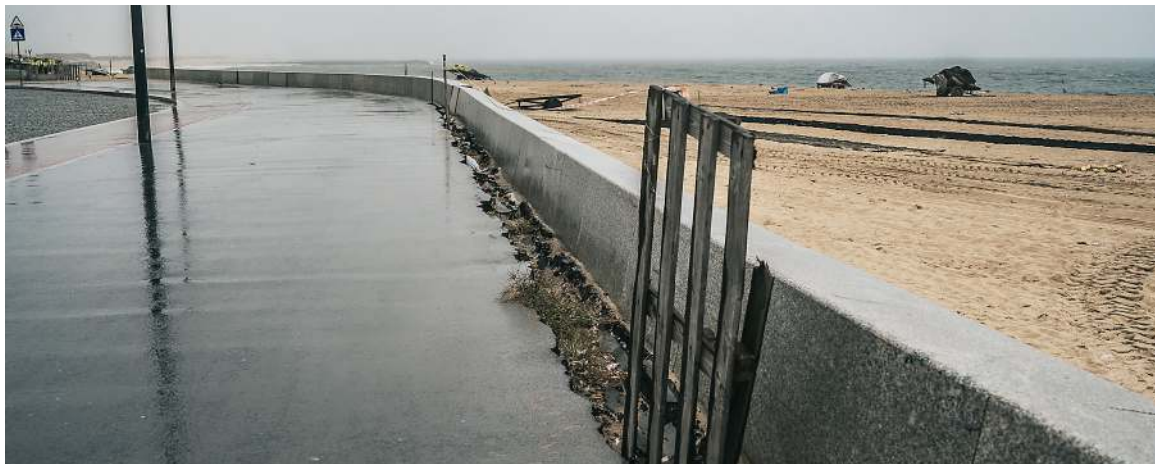
“Devia e deve-se optar por um sistema amovível e, portanto, com comando, para proporcionar a passagem de viaturas de emergência”

Francisco Fernandes

4500 Freguesias

INSEGURANÇA

Muro da Praia dos Pescadores em risco de cair



O muro que se encontra junto à Praia dos Pescadores, e que divide o areal da Rua 2, está em risco de cair, uma vez que se encontra inclinado para o lado da praia. O chão, junto ao muro, não aguentou e cedeu, provocando a inclinação bastante visível. O local foi sinalizado com uma fita, indicando a interdição da população se sentar naquele local.

LISANDRA VALQUARESMA

SEGUNDO UM MORADOR, o muro encontra-se assim há vários meses, quase há meio ano, ficando cada vez mais inclinado à medida que o tempo passa.

De acordo com o esclarecimento feito por parte dos engenheiros da Câmara Municipal de Espinho, o muro foi-se movendo ao longo do tempo, provocando uma inclinação gradual devido à movimentação da areia na sua base de sustentação.

Desta forma, segundo a informação disponibilizada, a Câmara Municipal irá proceder à sua reparação, reconstruindo o muro de maneira

a ficar numa base mais sólida para o sucedido não voltar a acontecer. Neste sentido, o local não está a provocar perigo público, uma vez que está vedado e, na eventualidade de cair, será para o areal.

Tal como foi adiantado, a reparação do muro ainda não foi realizada devido à falta de equipas de trabalho, numa altura de férias e na ausência de trabalhadores por se manterem em casa na prevenção contra a Covid-19.

O conhecido muro que está construído ao longo de toda a praia de Espinho é um dos locais mais requisitados pela população nesta altura de verão. •

JOSÉ CARVALHO (PSD) RESPONDE

PS Silvalde “velho e com os mesmos métodos”

Em resposta à posição do grupo do Partido Socialista na Assembleia de Freguesia de Silvalde (AFS), publicada na última edição do jornal Defesa de Espinho, recebemos de José Manuel Carvalho, vogal do Partido Social Democrata (PSD), um desmentido sobre o seu conteúdo.

O **VOGAL** social-democrata contesta a acusação socialista, dizendo que as declarações que proferiu “já têm um mês e meio” e foram deturpadas no seu sentido original. “Questionei [o presidente da Junta] se estava consciente de que as suas posições e votações poderiam provocar alguma demora nas decisões da CME”, sublinha José Manuel

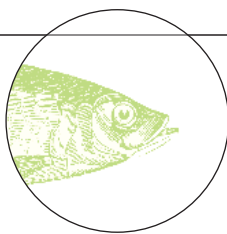
Carvalho, “mas jamais admiti que isso fosse realidade”, acrescenta. De acordo com o representante do PSD, o que estava subjacente à sua questão é o sentido de voto que o presidente da Junta tem tido em sessões de Assembleia Municipal, “votando contra decisões de capital importância como o Orçamento Municipal ou a questão do estádio [municipal].

O vogal recorda que o presidente da Junta só está nas assembleias municipais “por inerência ao cargo que ocupa”, assinalando que “os fregueses de Silvalde renovaram por maioria a sua confiança no actual presidente da Câmara” e este “teve um total de votos superior ao presidente da junta”. Nesse sentido, sustenta que os autarcas das freguesias deviam “trabalhar no sentido de que a aprovação orçamental se efetue o mais rápido possível para, então sim, dar resposta aos problemas” dos fregueses.

José Manuel Carvalho considera que esta posição dos socialistas visam “desviar as atenções da inoperância deste executivo, que efectivamente pouco fez”, dando como exemplo os espaços “vandalizados na Praia do Pau da Manobra” que ficaram intactos “até ao início deste verão” e o atraso que se verifica nas obras da nova USE. “Questionado sobre isso, o senhor presidente da junta diz que foi enganado”, ironiza o eleito do PSD.

Em conclusão, José Manuel Carvalho diz que o PS de Silvalde “não tem qualquer idoneidade para falar” e continua “velho e com os mesmos métodos”, exemplificando com as “mensagens insultuosas que dirigiram ao Marco Gastão e à sua família em 2009” repetindo o processo, agora, com “um vogal que saiu da bancada do PS, não se sabe bem porque”. “O PS de Silvalde atira as pedras e esconde a mão”, conclui. •

É do nosso mar



VOX POP



©SARA FERREIRA

A(s) arte(s) de fotografar com máquina e telemóvel

A proliferação da fotografia digital e dos telemóveis com câmaras tem alterado ampla e constantemente a sociedade onde agora abundam amadores de telemóvel em punho e já não tanto com a máquina a tiracolo. É o tempo de "selfies" e de imagens em registos (quase) momentâneos e, de certo modo, sem requisitos qualitativos que definem os profissionais, cujos serviços eram mais requisitados noutros tempos...

Foi assinalado o Dia Mundial da Fotografia na quarta-feira de 19 de agosto, valorizando a arte exercida por profissionais, amadores e fotógrafos de circunstância... Oportunidade para se reviver e/ou acentuar a paixão de uns pela fotografia e a admiração de outros pelos dotes artísticos de quem manuseia a câmara e ajusta a lente para o melhor registo fotográfico. ●



Maria Helnice,
Espinho

1 - Ainda tenho o álbum de fotografia do meu casamento. Tenho uma fotografia da minha mãe comigo, quando eu tinha 2 anos, e que foi enviada para o meu pai que estava no Brasil a trabalhar e que depois trouxe a fotografia para Espinho. Ainda há poucas dias dei à minha neta as fotos de quando ela ainda era bebé. E ela agora já tem 36 anos!

2 - Eu não tiro "selfies", mas pergunto onde estarão daqui a 30 anos as fotos que hoje se tira através do telemóvel se este se estragar? Se não forem para o computador e não forem impressas, lá se vão as imagens e as recordações... ●



Conceição Silva,
Feira

1 - Ainda tenho os álbuns da primeira comunhão. Já não se vê muita gente a tirar fotos com máquina. Ainda há poucos anos comprei uma máquina fotográfica, mas está parada... De facto, não faço muito uso dela.

2 - Agora quase toda a gente usa telemóvel para tirar fotos. Eu também passei a usar mais o telemóvel para fotos e dá mais jeito para "selfies". E com outra vantagem: se não gostarmos da imagem ou se a foto foi mal tirada... apaga-se! Até as "selfies" mal tiradas, ou as que não gostamos de ver. ●



Fátima Abelha,
S. Paio de Oleiros

1 - Tenho álbuns fotográficos. Umhas fotos são preto e branco e outras coloridas. É sempre bom recordar o passado e as fotos ajudam. Tenho uma netinha que com 5 anos numa fotografia com a pose igual à minha numa foto tirada por um antigo fotógrafo de Espinho, o senhor Evaristo. A posição era a de estar a segurar no vestidinho. Ainda tenho no álbum essa minha fotografia quando tinha 5 anos. Curiosamente, e por feliz coincidência, a minha netinha está numa foto tirada espontaneamente na mesma posição. É uma linda imagem para colocar no meu álbum junto à minha foto na mesma posição a segurar o vestidinho!

2 - Eu tiro agora muitas fotos com o telemóvel, mas as fotos impressas têm outro valor significado. Toda a gente tira hoje fotos com o telemóvel, São outros tempos... "Selfies"? Algumas, quando se proporciona ou há motivação. ●



Daniela Santos,
Feira

1 - Eu tenho fotos reveladas nos laboratórios de fotografia, mas raramente uso a máquina fotográfica e nem sempre arquivo as imagens no computador.

2 - Uso quase sempre o telemóvel para fotografar e faço "selfies". ●



Jacinta Cardoso,
Lobão

1 - Eu não sou adepta de tirar muitas fotos, mas tenho uma máquina quando se faz um grande passeio e outra mais pequena. Nos casamentos, batizados e comunhões ainda se recorre ao serviço dos fotógrafos profissionais.

2 - Agora usa-se mais o telemóvel para o dia-a-dia. As fotos não focam tão bem, mas servem... Agora todos somos fotógrafos! Até com as "selfies"... ●



Fernanda Cardoso,
Lobão

1 - Eu ainda tenho fotos antigas, a preto e branco. Tenho fotos de casamentos e de alguns momentos familiares. Lembro-me das fotos à "la minute", aquelas "tipo passe", mas são de outros tempos!

2 - Ainda não fiz nenhuma "selfie", mas utilizo sempre que posso, ou que se justifique, o telemóvel para tirar fotos. ●



CORREIO DO LEITOR

Confusão e perigo junto à estação

A obra da requalificação da área libertada à superfície do enterramento da linha férrea é importante para o desenvolvimento da cidade, na perspetiva de proporcionar melhor qualidade de vida e atratividade turística. Também se sabe que uma obra desta envergadura e complexidade causa transtornos e há quase sempre imprevistos que dificultam ou atrasam os trabalhos. Mas isso não significa que não se deva ter cuidado com quem precisa de passar perto da obra, como por exemplo quem tem necessidade de utilizar o comboio e, por isso, tenha de deslocar-se à estação.

Também é evidente que uma obra deste género, como até uma mais pequena, requer limitações de proteção, mas quem pretender deslocar-se a pé à estação quase se perde no emaranhado de arame e, principalmente, no labirinto de acesso. Fica-se até confuso! E à noite a ainda é pior!

Não se resolveria o problema com a instalação de sinais indicadores de acesso à estação e de acessos ao exterior da zona da obra desde a saída da estação? E também não se resolvia a situação com a instalação provisória de projetores para iluminar aquela zona à noite? A escuridão aumenta a insegurança de quem lá passa e o receio de ser assaltado.

José Silva - Espinho

Passeio cheio de folhas na Avenida 24

Quase metade do passeio da Avenida 24, junto ao parque de estacionamento a norte da Rua 19, estava cheio de folhas caídas das árvores. Nem parece que estamos no mês de agosto, em pleno verão, mas sim no outono. Foi essa a ideia com que fiquei ao deslocar-me para o carro que estava estacionado no parque, mas também interoguei-me sobre qual será a razão de não haver preocupação dos serviços de limpeza da cidade para que seja evitado o amontoado de folhas e que com uma rajada de vento mais forte se espalhe pela faixa de rodagem e tape repentinamente o vidro da frente de um carro e provoque um acidente. As folhas terão caído nos últimos dias e até de dia pode ocorrer uma ventania...

Maria Rodrigues - Espinho



opinião

Carlos Guimarães Pinto

O inverno do nosso desconfinamento

NO MOMENTO EM QUE ESCREVO ESTE TEXTO, ESTÁ A CHOVER EM ESPINHO E UM NEVOEIRO CERRADO. As t-shirts da semana passada foram substituídas por casacos. Espero que quando os leitores estiverem a ler este texto as coisas já se tenham alterado. Mas o tempo que se faz agora sentir é uma boa inspiração para pensar o que será viver o Inverno em tempos de COVID-19. Há vários motivos de preocupação. O primeiro é que no Inverno os convívios tendem a ser dentro de portas em espaços pouco arejados por causa do frio. É nesses ambientes que o vírus se propaga com mais facilidade. O segundo motivo de preocupação é que no Inverno regressa a época de gripe o que fará com que o sistema de saúde fique saturado com doentes respiratórios (como normalmente fica) e, por outro lado, que seja ainda mais difícil distinguir sintomas de gripe normal e de COVID-19. O esgotamento social em relação às medidas de controlo e algum relaxamento com os números positivos das últimas semanas podem levar a novos surtos. É até bastante provável que aconteçam e devemos estar preparados para isso.

Se vierem a acontecer, seria importante aprendermos as lições dos últimos meses. Hoje sabemos um pouco mais sobre o vírus, sobre a reacção ao vírus e os erros que cometemos perante a incerteza inicial. A primeira lição que aprendemos depois do choque inicial é que teremos que aprender a viver com o vírus até se encontrar uma vacina eficaz. Mesmo depois de a encontrarmos, pode sempre aparecer outro vírus respiratório semelhante. Este não é o primeiro coro-

navírus e dificilmente será o último, podendo até aparecer um mais perigoso. Como é evidente, não poderemos viver sempre confinados, nem limitar seriamente a nossa vida, sob o risco de ao tentar salvarmos a nossa vida, ela deixar verdadeiramente de existir. Da experiência dos últimos meses já perceberemos também que o maior risco está nos lares de idosos que deverão sempre ter uma atenção especial. No entanto essa atenção especial não pode limitar eternamente as visitas porque a solidão também mata e, mesmo que não mate, pode causar problemas psicológicos graves no final da vida. Devem ser encontrados mecanismos que garantam a identificação precoce de surtos e garantir que os problemas de saúde não relacionados com COVID-19 continuem a merecer a atenção que aquela faixa etária exige.

Como é evidente, não poderemos viver sempre confinados, nem limitar seriamente a nossa vida, sob o risco de ao tentar salvarmos a nossa vida, ela deixar verdadeiramente de existir.

A terceira lição é que o sistema nacional de saúde não pode parar devido a uma doença por muito grave e contagiosa que seja. A mortalidade em excesso por outras razões que não o COVID-19 já ultrapassou em muito as mortes por COVID-19. Pode haver vários factores a justificar essa mortalidade em excesso, mas termos tido um sistema de saúde completamente virado para apenas uma doença será certamente uma das principais razões. A medicina preventiva preci-

sa de voltar a funcionar. É preciso passar a mensagem de que as pessoas podem, sem medo, voltar a frequentar hospitais e centros de saúde. O risco de faltar a um exame de rastreio de cancro é múltiplas vezes maior nas suas consequências do que o risco de apanhar coronavírus durante esse exame. O risco para uma gestante de não ter consultas pré-natais também. A possibilidade de apanhar doenças em ambiente hospitalar sempre existiu (e, por isso, sempre foi ridículo o mau hábito de ir às urgências por motivos irrelevantes) e esta será mais uma.

Também será importante garantir que não existe um fecho generalizado das escolas. O fecho das escolas aprofunda as desigualdades, porque o tipo de acompanhamento que alunos mais pobres e mais ricos têm com ensino à distância é bastante diferente. Na Dinamarca, um dos países que melhor controlou a pandemia, as escolas só estiveram fechadas durante três semanas, comprovando que é possível controlar o contágio sem condenar as crianças a ficar em casa. Isto, claro, para além do efeito que tem na economia obrigar pessoas a deixar de trabalhar para cuidar dos filhos, um custo que recai desproporcionalmente sobre as mulheres trabalhadoras. Será imperdoável que o governo volte a tomar a opção de fechar todas as escolas e optar pelo ensino à distância. Isto poderá colocar em causa toda uma geração que já não teria uma vida fácil de qualquer forma, e que com uma educação deficiente terá ainda mais problemas.

Será importante não esquecer a economia. Falou-se ao longo de semanas de uma dicotomia entre saúde e economia. Era uma dicotomia falsa. O controlo do número de casos não é só uma questão de saúde, é também uma questão económica, principalmente num país que depende tanto do turismo. Dito isto, medidas excessivas de

Não podemos voltar a pedir para que todos fiquem em casa ou impedir o trânsito automóvel com operações STOP aleatórias. As fábricas têm que continuar a trabalhar e as lojas a funcionar.

confinamento, como algumas que foram tomadas em Março e Abril, podem efectivamente ter um custo económico que supera em muito o benefício para a saúde. Não podemos voltar a pedir para que todos fiquem em casa ou impedir o trânsito automóvel com operações STOP aleatórias. As fábricas têm que continuar a trabalhar e as lojas a funcionar. A estratégia não poderá ser novamente de paralisação completa, mas sim estratégias direccionadas quando, e se, houver novos surtos.

Finalmente, é relevante que os serviços públicos voltem a funcionar. Numa altura em que a atividade económica abrandou devido aos problemas gerados pela pandemia, será importantíssimo que não abrande ainda mais por haver processo parados na burocracia do estado. Se lojas e restaurantes puderam reabrir com mecanismos de segurança, é evidente que todos os outros organismos devem voltar a trabalhar a 100%. De preferência, trabalhar um pouco mais do que antes para garantir que tudo o que ficou atrasado pode ser recuperado.

Vem aí o Inverno. Será um Inverno muito especial e com desafios diferentes de todos os outros Invernos. Felizmente hoje temos informação suficiente para agirmos de forma diferente, respeitando a liberdade individual de cada um assumir os seus riscos. Convém que usemos essa informação de forma inteligente! ●



**DEFESA
DESPINHO**
ESPINHO POR DENTRO

Encontre
aqui notícias
frescas e
locais!

ANTA
Cepsa (Altos Céus)
Papellaria Bessa (Rua 19)
Tecnícopia (Av. 32)

ESPINHO
Papellaria ABC (Rua 19)
Jocorum (Av. 24)
Papellaria Duarte (Rua 18)
Livrália (Rua 23)
Papellaria Ávila (Rua 35)
Papellaria Avenida (Av. 8 / S. Pedro)

SILVALDE
Café Europa (Largo da Igreja)
Café Ferro (Estrada S. Tiago)

PARAMOS
Café Grilo (Rua da Quinta)

GUETIM
Papellaria Guetim (Rua do Rameiro)

necrologia

† Mário Moura da Silva

AGRADECIMENTO



A família vem agradecer às pessoas que se dignaram a tomar parte no funeral do seu ente querido e na missa de 7.º dia ou que de outro modo se associaram à sua dor.

Espinho, 20 de agosto de 2020

Fermina Miravall Y Granell da Silva
Elvira Miravall da Silva

Agência Funerária Luís Alves - Rua 18, n.º 954 - Espinho Tlm: 917 263 249 / 914 249 496

† Graça Luísa Oliveira da Silva

AGRADECIMENTO



[RUA 28 - ESPINHO]

Sua mãe, irmã, sobrinha, afilhada, tios, primos e demais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas de suas relações e amizade, que tomaram parte no funeral e missa de 7.º dia da sua ente querida ou que de outro modo se associaram à sua dor.

Desde já agradecem a todos quantos participaram nestas cerimónias.

Eternos são aqueles que amamos.

Espinho, 20 de agosto de 2020

Agência Fun.ª Maria de Lourdes, Lda. Anta - Espinho Tel. 227340609 - 966225173

† José António Ferreira Alves

MISSA DO 14.º ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO



[ANTA - ESPINHO]

Sua esposa, filhos e restante família vêm, por este meio, comunicar às pessoas de suas relações e amizade que será celebrada missa, por alma do saudoso extinto, dia 21 sexta-feira, pelas 19 horas, na Igreja Paroquial de Anta.

Desde já agradecem a todos quantos participem na Eucaristia.
Anta, 20 de agosto de 2020

† D. Carminda Valente

AGRADECIMENTO E MISSA 7º DIA



[RUA DA BOA NOVA, SILVALDE - ESPINHO]

Seus filhos, nora, netos e demais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas de suas relações e amizade, que tomaram parte no funeral da sua ente querida ou que de outro modo se associaram à sua dor.

A Missa de 7.º dia será celebrada Domingo, dia 23 de Agosto, pelas 11 horas na Igreja Paroquial de Silvalde.

Desde já agradecem muito reconhecidamente a todos quantos se dignem participar.

Eternos são aqueles que amamos.

Espinho, 20 de agosto de 2020

Agência Fun.ª Maria de Lourdes, Lda. Anta - Espinho Tel. 227340609 - 966225173

† Ricardo Faria da Silva

AGRADECIMENTO



[ANTA - Rua Capela dos Ramos]

Sua esposa, filhos, nora, netas e restante família vêm agradecer às pessoas que se dignaram a tomar parte no funeral do seu ente querido e na missa de 7.º dia ou que de outro modo se associaram à sua dor.

Anta, 20 de agosto de 2020

Maria José Ferreira dos Santos
Rosa Maria Santos Silva
José Manuel Santos Silva (Ricardo)
Alzira Maria dos Santos Sarabando
Mariana Sarabando Silva
Ana Sofia Silva Seixas

Agência Funerária Luís Alves - Rua 18, n.º 954 - Espinho Tlm: 917 263 249 / 914 249 496

† JOSÉ MANUEL DA SILVA DIAS

MISSA DO 5.º ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO



*O tempo passa, levanto o olhar ao Céu,
Tu não morreste
Estás vivo no meu coração*

Sua esposa e filho participam que será celebrada missa por alma do seu ente querido dia 21, sexta-feira pelas 19 horas, na Igreja Paroquial de Anta.

Elsa Maria Oliveira Martins Dias - esposa
Gerson Filipe de Oliveira Dias - filho

† ÂNGELO DIAS DE OLIVEIRA (Mateiro)

MISSA DE 6.º ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO



Sua esposa, filhos, noras, netos, bisneta e restante família vêm comunicar que será celebrada missa por alma do seu ente querido dia 26, quarta-feira, pelas 19 horas na Igreja Matriz de Espinho. Desde já agradecem a quem comparecer.

Espinho, 20 de agosto de 2020

Agência Funerária Luís Alves - Rua 18, n.º 954 - Espinho Tlm: 917 263 249 / 914 249 496

CONTACTOS ÚTEIS

A. VIAÇÃO ESPINHO	227 341 296
BIBLIOTECA	227 335 800
BOMB. V. ESPINHO	227 340 005
BOMB. V. ESPINHENSES	227 340 042
CÂMARA MUNICIPAL	227 335 800
CENTRO DE SAÚDE DE ESPINHO	227 334 020
UNIDADE SAÚDE MARINHA	227 343 101
UNIDADE SAÚDE SILVALDINHO	227 343 642
UNIDADE DE SAÚDE DE PARAMOS	227 345 001
UNIDADE DE SAÚDE DE ANTA	227 334 060
CLIESP	227 330 410
CLÍNICA COSTA VERDE	227 345 885
CLÍNICA N.ª S.ª D'AJUDA	227 342 695
CLÍNICA S. PEDRO	227 344 714
CLÍN. DR. J. MENDES & FILHA	227 341 710
COGE - CLÍNICA SANTA CASA	227 330 960
POLICLÍNICA	227 330 640
CTT - RUA 19	227 330 631
EDP - AVARIAS	800 506 506
EDP - LEITURAS	800 507 507
EDP - COMERCIAL	808 505 505
ESTAÇÃO CP	808 208 208
FISIOCLÍNICA	227 314 986
BRIGADA FISCAL	227 341 196
HOSPITAL ESPINHO	227 331 130
HOSPITAL V. N. GAIA	227 865 100
S. SEBASTIÃO (S.M.FEIRA)	256 379 700
JUNTA FREGUESIA DE ESPINHO	227 344 418
JUNTA FREGUESIA DE ANTA	227 346 453
JUNTA FREGUESIA DE GUETIM	227 344 226
JUNTA FREGUESIA DE PARAMOS	227 342 710
JUNTA FREGUESIA DE SILVALDE	227 344 017
PSP	227 340 038
REGISTO CIVIL	227 332 060
REPARTIÇÃO FINANÇAS	227 332 070
SANEAM. BÁSICO (AVARIAS)	227 335 840
SEGURANÇA SOCIAL	227 341 956
TÁXIS (CÂMARA)	227 343 167
TÁXIS (CONC. ESPINHO)	800 208 202
TÁXIS COSTA VERDE	227 340 118
TÁXIS (GRACIOSA) ESTAÇÃO	227 340 010
TÁXIS UNIÃO, LDA.	227 348 017
TÁXIS UNIDOS	227 342 232
TÁXIS VERDEMAR	227 343 500
TESOURARIA FAZENDA PÚBLICA	227 332 087
TRIBUNAL	227 331 330

FARMÁCIAS

Serviço de turnos do concelho de Espinho. Das 24 às 9 horas (só para receitas do dia ou da véspera)

quinta 20	Farmácia de Anta Rua Tuna Musical, 907 - Anta	227 341 109
sexta 21	Farmácia Teixeira Centro Comercial Solverde/1 - Av. 8 - Espinho	227 346 388
sábado 22	Farmácia Santos Rua 19, n.º 263 - Espinho	227 340 331
domingo 23	Farmácia Paiva Rua 19, n.º 319 - Espinho	227 340 250
segunda 24	Farmácia Higiene Rua 19, n.º 395 - Espinho	227 340 320
terça 25	Grande Farmácia Rua 8, n.º 1025 - Espinho	227 340 092
quarta 26	Farmácia Conceição Rua S. Tiago, n.º 701 - Silvalde	227 311 482

CLÍNICA MÉDICA DENTÁRIA
Dra. Rosa Neves

Clinica Geral com Ortodontia Fixa, Invisível e Implantes

Cheque-Dentista até aos 18 anos

Agora com serviço de Fisioterapia e Osteoetiopatia

CENTRO DE TERAPIA MANUAL
FILIPE RAMOS

Rua 29, n.º 696
227 340 116 | 914 961 367

CLÍNICA MÉDICA
DR. JOAQUIM MENDES & FILHA, LDA

CONTINUA EM ATIVIDADE NA RUA 14, N.º 448 E EM EXPANSÃO DO SEU CORPO CLÍNICO
FAZEM-SE DOMICÍLIOS
TLF. 227 341710 - TLM 939 449 380

VENDE-SE
TERRENO PARA CONSTRUÇÃO DE MORADIA, c/ 500m²
CONTATAR: 966870818

OS NOSSOS CLASSIFICADOS

APARTAMENTOS T0, T1, T2 e T3. Totalmente equipados, com TV Cabo mais Sport TV, telefone, garagens, limpezas. Rua 62, n.º 156. Tlf. 227310851/2 - Fax 227310853

QUARTOS, c/ casa de banho privativa, c/ cozinha, pequeno-almoço, tratamento de roupa, garagem e TV Cabo mais Sport TV. Tlf. 227340002 ou 227348972.

pessoas & negócios

“Gostava que este negócio continuasse na família. Tenho uma filha pequena, pode ser que seja a terceira geração, mas não faço ideia porque é preciso amar isto”.

António Rodrigues

“Parar e não investir, esperando que tudo passe, parece-me um risco demasiado grande”.

Luís Santos

FOTÓGRAFOS ESPINHENSES

ESPINHO JÁ FOI PALCO DE MUITOS FOTÓGRAFOS. COM O TEMPO FORAM DESAPARECENDO, DEIXANDO A CIDADE COM UMA DIMINUTA OFERTA.



Covid-19 deixa 2020 quase sem fotografias e abala ainda mais negócios em Espinho

Numa área de atividade a passar dificuldades há vários anos, em Espinho são raros os exemplos de quem ainda mantém a porta aberta no mundo da fotografia. A chegada da pandemia provocada pela Covid-19 não ajudou e veio abalar ainda mais quem tem sobrevivido. Sem cerimónias, eventos e meses de pouco trabalho, fotógrafos têm dúvidas quanto à sobrevivência no futuro.

ainda em criança, que pernoitava em cima de carpetes a ver o pai fotografá-las. A desvalorização do analógico em detrimento do digital, assinalou um novo caminho no dia-a-dia da Foto Rodrigues. “As pessoas procuram cada vez menos os fotógrafos. A quebra é total em toda a fatia da fotografia, como a fotografia para documentos, em que é o próprio governo a fazer-nos concorrência, pois não permitem que ninguém leve um ficheiro digital, por exemplo, para o cartão de cidadão”, lamenta o gerente da loja. Para além disso, “também se perdeu o hábito de ir ao fotógrafo a nível de família, pois o retrato de família perdeu-se. Aquela forma do rolo desapareceu, veio a fotografia digital e as pessoas perderam o hábito de virem imprimir as fotografias. Eu costumava dizer que só é fotografia depois de estar no papel. Enquanto está num monitor ou no telemóvel é apenas uma imagem. Esta casa revelava uma média de 150 rolos de amador, agora se revelar 5/6 rolos por semana é muito”, conta António.

Situada na Rua 16, a Olho da Beata existe há 20 anos e está nas mãos de Luís Santos. É uma empresa de produção de conteúdos online e offline. Embora o foco seja a produção de vídeo, mantém uma pequena vertente da fotografia. Também ultrapassou as mudanças do passado e Luís Santos sabe que “isto é consequência de um cada vez maior e mais barato acesso à tecnologia, pois hoje toda a gente quer fazer

tudo à sua maneira. A Internet abriu a ‘caixa de pandora’, as pessoas querem fazer elas próprias, mesmo que não tão bem”, explica Luís. Por outro lado, “as redes sociais vieram dar um protagonismo muitas vezes pouco real à capacidade artística de cada um.”

O serviço de casamentos já foi grande no passado. Tinham o ano completo, como admite o proprietário, mas, embora ainda existam alguns, no momento o foco são as fotografias de eventos corporativos e fotografias de produto. Luís Santos sabe que, a par com outras profissões, “esta também mudou” e acredita que “o caminho a seguir para quem quer esta profissão é a especialização e acompanhar a evolução tecnológica.” Para o proprietário da Olho da Beata, “o analógico tornou-se quase um clube exclusivo, há profissionais a trabalhar o analógico, contudo, numa área tão exigente como esta, não há grande tempo para experiências, o digital é onde temos de estar.”

Futuro é cada vez mais incerto

“Este era o ano com mais casamentos marcados na agenda. Tinha 85 marcações e até ao dia de hoje fiz apenas três.” É desta forma que António Rodrigues aponta a atual situação da Foto Rodrigues, após a chegada da pandemia provocada pela Covid-19. “Com meio ano de antecedência eu conseguia saber



“Não tenho cancelamentos. Está é tudo adiado para o próximo ano”.

António Rodrigues

“As pessoas recorrem cada vez menos ao modelo tradicional da fotografia em família em estúdio”.

Luís Santos



LISANDRA VALQUARESMA

COM O APARECIMENTO do digital, as dificuldades desta área de atividade foram acentuando-se, fazendo com que poucos sobrevivessem. A Foto Rodrigues, situado na Avenida 24, é um exemplo de superação há quase 40 anos. É uma das casas mais conhecidas da cidade e está hoje nas mãos de António Rodrigues, filho do fundador que desde pequeno adora a arte da fotografia.

António Rodrigues sabe que muita coisa mudou desde o tempo,

como me iria correr o ano a seguir. Agora é uma incógnita. Temos uma quebra ridícula de 90%”

Com cinco colaboradores a viverem da fotografia, o gerente adianta que os tempos são incertos, difíceis e que a sobrevivência da casa depende do que vai acontecer nos próximos meses. “No início fomos obrigados a fechar a porta como muitos comerciantes e depois proibiram-nos de trabalhar porque impedir os eventos é proibir-nos de trabalhar”, diz António. Apesar das dificuldades, o gerente da Foto Rodrigues confessa: “temos conseguido sobreviver porque temos laboratório, o que é um caso raro hoje em dia, temos o nosso estabelecimento que está pago, e agora está-nos a acontecer uma coisa engraçada que são clientes de fora. Ontem imprimi 45 telas para um museu no Douro. Descobrimos-nos através da internet. Fazemos fotografia de produto que é o que nos tem safo, como botas em cortiça, garrafas, fechaduras. Não estamos só limitados à fotografia de eventos. Isto são migalhas que vamos juntando”, conta António Rodrigues.

Para o futuro, tudo é incerto. Apesar de agora, aos poucos, tudo começar a retomar dentro das limitações, o gerente da loja receia a chegada

de uma segunda vaga e, com isso, a obrigatoriedade de encerrar a casa que o pai fundou. “Se nos deixarem trabalhar o mês de setembro e de outubro nós conseguimos sobreviver, mas se vier uma segunda vaga e tiver que fechar não aguentamos. É impossível. Estou à espera que os poucos casamentos que tenha em setembro, outubro ou novembro, me deem trabalho para os piores meses do ano que são janeiro, fevereiro e março. Nós estamos parados desde março e se continuarmos assim até ao próximo março, é um ano sem trabalhar, com encargos fixos. Desta forma não dá”, adianta António Rodrigues.

De modo diferente, tendo em conta uma área de atividade mais virada para o mundo digital, a Olho da Beata, apesar de continuar a trabalhar, recebe a quebra que se vive e o futuro sem muitas certezas. “Tenho sido muito otimista, mas acho que a fase difícil ainda não chegou. Nós continuamos a trabalhar, contudo a ansiedade e receio face a um futuro incerto deixa-me bastante apreensivo. Não gosto muito de fazer futurologia, mas de modo geral acho que o segredo é o mesmo em momentos de dificuldade: não baixar os braços”, afirma Luís Santos. ●

defesa-ataque

ENTREVISTA. RICARDO TEIXEIRA

“Espinho respira voleibol por todos os lados e é esta cidade que, muitas das vezes, alimenta a modalidade”



Ricardo Teixeira cresceu nas escolas de formação de voleibol do SC Espinho, foi responsável pela análise de jogo no Benfica e chegou a ser treinador da AA Espinho

RICARDO TEIXEIRA NASCEU E VIVE EM ESPINHO. TEM 36 ANOS E NUNCA FOI UM GRANDE JOGADOR DE VOLEIBOL, MAS TEM DEDICADO A SUA VIDA À MODALIDADE. Começou a praticar voleibol aos seis anos, até aos 18, mas nunca chegou a jogar numa equipa principal quer do SC Espinho, quer da Académica. Depois de uma experiência como treinador das camadas jovens, dedicou-se à análise de jogo, tendo assumido essas funções, durante cinco anos, no Benfica. Regressou para treinar a equipa sénior da AA Espinho e terminou a época passada como técnico principal do Vólei Clube de Viana.

MANUEL PROENÇA

Como entrou o voleibol na sua vida?

Sempre me dediquei ao voleibol. Comecei a praticar a modalidade no SC Espinho, nos minis. Curiosamente, nessa altura, até ia ver muitos jogos de voleibol na AA Espinho, mas não havia naquele clube, equipas da formação para a minha idade! Estive no Espinho desde os seis aos 18 anos de idade. Fiz parte das equipas B do clube que, entretanto, terminaram. Fui para Maceda e para o Atlântico da Madalena. Mas eu não tinha condições físicas para me tornar um grande jogador, nem era, tão pouco, o atleta mais aplicado... Passei a ser, apenas, um adepto do voleibol. Mais tarde, fui treinador adjunto do Sérgio Soares, na equipa de juniores da AA Espinho. A meio desse ano frequentei uma formação sobre análise de jogo da Federação Portuguesa de Voleibol (FPV) e, no final do ano, como houve uma reformulação da equipa técnica da FPV, passei a fazer parte dela. No ano seguinte, quando o João Brenha tomou conta da equipa

do SC Espinho voltei ao clube. No ano seguinte já estava na equipa técnica de Hugo Silva e o SC Espinho foi campeão nacional, na Luz. Depois disso fui convidado a ir para o Benfica, num primeiro ano em part-time, fazendo os trabalhos aqui em Espinho e no segundo ano, já fui para Lisboa, onde permaneci durante quatro anos.

Saiu do Benfica e chegou a treinador da AA Espinho!..

Sabia que a minha progressão no Benfica iria ser difícil e, por outro lado, já estava saturado de andar sempre daqui para Lisboa e vice-versa. Surgiu o convite do Rui Moreira para vir para a Academia José Moreira (AJM). Nesse ano casei e resolvi ficar por cá. Foi, para mim, também uma experiência muito positiva na liderança de uma equipa técnica. Perdemos a final do Campeonato Nacional de Juniores para o SC Espinho. Foi curioso porque como atleta tinha sido campeão pelo Espinho na equipa de juniores e como treinador fui perder aquela final! Depois fui treinar a equipa sénior masculina da

AA Espinho. Fomos à fase final da Taça de Portugal, numa época em que tivemos o caminho um bocado facilitado. Na época seguinte houve um desinvestimento e a meio do ano, por ter pontos de vista diferentes dos da direção, optei por abandonar. Entretanto, surgiu-me o convite do Vólei Clube de Viana e aconteceu o problema da pandemia. Mas não era fácil ter de ir todos os dias para Viana do Castelo! Ser-se treinador das modalidades não é fácil. A maior parte dos treinadores trabalham em part-time e eu via essa vertente como sendo uma carreira, uma profissão. Mas em Portugal isso não é nada fácil. Foi isso que me fez repensar em tudo.

A sua paixão sempre foi o voleibol?

Continuo ligado a esta modalidade. E nesta nova época que se aproxima, não tenho nada em vista. Por enquanto, irei continuar a trabalhar com o voleibol, mesmo fazendo alguns trabalhos a nível de estatística, de análise de jogo e de base de dados para outros países. É nesta área que me sinto mais à-vontade. Um treinador em Portugal tem de pensar em muitos outros problemas além do treino e do próprio jogo. Muitas das vezes é porque não há água quente, outras porque o dirigente não aparece, ou o ordenado não é pago ao jogador...

Lidou com a realidade do Benfica e de clubes mais pequenos...

Há coisas boas e más em todos os lados. No Benfica tínhamos muito boas condições de trabalho e muita gente para fazer muita coisa. Nas viagens chegávamos a ter mais pessoas da

comitiva do que atletas. Mas, por exemplo, era preciso um tripé e isso já tinha de passar por muitos lados! Tínhamos, muitas das vezes de improvisar de forma a aligeirar todo o processo para essas coisas mais simples. Havia, no Benfica, um controlo muito grande, mas também alguma burocracia o que não se verifica em clubes de menor dimensão. Na AA Espinho, por exemplo, se precisássemos dessas pequenas coisas surgiam bem mais depressa.

Qual o segredo para se construir um clube campeão?

Os clubes como o Benfica têm grandes jogadores e é isso que acaba por fazer a diferença, neste caso nas modalidades, como o voleibol. Vão ao mercado primeiro que os outros e têm a possibilidade de escolher os melhores, porque têm capacidade financeira para isso. Embora os orçamentos façam, de facto, a diferença, essa décalage verifica-se quando há grandes variações nos valores. E os grandes clubes, que se iniciam com grandes orçamentos, acabam por os reajustar em função da grande diferença que existe para os clubes mais pequenos, porque isso basta-lhes para lutarem pelo título. Às vezes a diferença entre os grandes está mesmo no treinador, na forma como ele consegue a união do balneário, ou numa ou noutra lesão que possa surgir. Por isso, penso que dificilmente nos próximos anos o Benfica ou o Sporting irão perder um campeonato de voleibol. Será sempre para uma destas duas equipas.

Acha que é benéfico ter estes grandes clubes no campeonato de voleibol?



Ricardo Teixeira com José Jardim (à direita) e com o treinador adjunto, Rodrigo Barroso (à esquerda)



“Um treinador em Portugal tem de pensar em muitos outros problemas além do treino e do próprio jogo. Muitas das vezes é porque não há água quente, outras porque o dirigente não aparece, ou o ordenado não é pago ao jogador...”

É benéfico, sobretudo, pela visibilidade que isso dá à prova. Contudo, penso que o campeonato está muito extenso, pois tem muitas equipas e nós, em Portugal, não temos essa quantidade de jogadores. Estou convencido de que o nível dos jogos irá baixar. É importante que as equipas que normalmente se classificam em baixo, tentem aproximar-se das equipas de topo. Por exemplo, vamos ver, este ano, o campeonato feminino que terá o Benfica, FC Porto e Sporting e que terá outras equipas com grande capacidade de investimento como o Boavista, Leixões, SC Braga, Belenenses... Isto será, de certo, uma outra montra para o voleibol.

Há muitos jogadores jovens no voleibol que não entram na 1.ª Divisão. O que se passa?

Quando eu cheguei à equipa sénior, o SC Espinho estava recheado de grandes jogadores e de grande qualidade. Mas hoje já se vai vendo juvenis de segundo ano a entrarem nos seniores. Mas muitas das vezes pretende-se que os atletas atinjam o topo o mais rapidamente possível, o que acaba por não ser benéfico.

Será que os treinadores portugueses têm a coragem de lançar estes jovens jogadores?

Têm de ter coragem porque não têm outras soluções. Aliás, hoje os treinadores não têm uma só equipa! Têm quase sempre mais uma, nos escalões de formação o que facilita a integração desses jovens jogadores nos seniores.

Vê em Espinho algum jogador que possa vir a tornar-se num fora de série?

Há jogadores com potencial e com grande capacidade, mas é preciso deixar que eles cres-

çam. Por exemplo, o Guilherme Meneses tem condições para poder vir a ser um bom jogador, assim como o Bruno Cunha. Parece-me que o futuro da modalidade está assegurado. Mas estes jogadores novos precisam de trabalhar e não é do dia para a noite que podem aparecer! O Miguel Maia começou a evidenciar-se com 16 anos, mas esse é o melhor de todos os tempos! E nem todos são o Nuno Pinheiro! E nem todos são o João Félix do futebol. As pessoas, hoje em dia, querem que as coisas aconteçam prematuramente e esse não é, certamente, o melhor caminho ou a melhor opção. O voleibol é uma modalidade que permite a longevidade...

Como foi a sua relação com o Miguel Maia e com o João Brenha?

Fiz parte da equipa técnica quando o João Brenha foi treinador do SC Espinho e o Miguel Maia jogador. Sempre tivemos uma boa relação e uma amizade pelo meio voleibolístico, pela cidade e pelo clube que representámos. Falamos dos mesmos assuntos, frequentamos a mesma praia e tomamos café nos mesmos sítios. Mas estamos a falar de duas pessoas muito importantes na modalidade e no desporto nacional. Não são da minha geração, mas são dois exemplos. São pessoas a quem se pode, e deve, pedir conselhos. São duas pessoas que ainda têm muito a dar ao voleibol. Eles movem multidões.

A sua mulher, Marta Dias, está ligada, também, ao desporto!...

Eu no voleibol e ela no fitness e em ginásios. Já nos conhecíamos há muito tempo. A paixão pelo desporto ajuda a relação, mas não foi o desporto que nos aproximou.

Espinho (cidade) ainda respira voleibol?

A cidade de Espinho respira voleibol por todos os lados. Às vezes demais! Na minha opinião é esta cidade que, muitas das vezes, alimenta a modalidade. É por aqui que passa tudo o que diz respeito ao voleibol. Comenta-se quem sai e quem entra neste ou naquele clube. Qualquer espinhense tem na sua família alguém que jogou ou que joga voleibol. Fala-se de voleibol em todo o lado. Até o Sporting chegou a ter os seus jogadores em Espinho, no ano em que entrou na 1.ª Divisão! Vimos sempre por cá grandes jogadores, como o Leonel Marshall, ou Ángel Dennis. É bom que os dois grandes clubes da terra, Espinho e Académica, aproveitem isto. É preciso que as pessoas que têm paixão pelo voleibol entrem nestes clubes. Também não se podem perder aqueles que se entregam de corpo e alma ao voleibol espinhense.

Tem alguma referência de algum dirigente?

O Toninho merecia uma estátua. Mas há o Jerry (Álvaro Coelho) que é uma pessoa fundamental na estrutura do SC Espinho. E no Benfica era o falecido Rui Mourinha pelo seu carisma.

E treinadores?

O Hugo Silva foi quem me levou para a Seleção Nacional e com quem fui campeão pelo SC Espinho. O Juan Diaz, o João Brenha... Mas na parte humana e a nível pessoal marcou-me o professor José Jardim. Ele era um líder, que carregou, muitas vezes, o Benfica às costas. É um treinador que é capaz de pegar nas bolas e de levá-las. É um excelente gestor de homens. Teve, de facto, grandes equipas, mas quando o Benfica atravessou maus momentos ele esteve

sempre lá e nunca abandonou o barco! Conheço muito poucos como ele.

E o jogador Miguel Maia?

O Miguel Maia é capaz de reinventar o jogo com ninguém. É um jogador que aparentemente não se enquadra num normal padrão de jogo mas que faz com que as coisas aconteçam. Isto não me parece que seja possível acontecer, por exemplo, no futebol, por muito bom que tenha sido o jogador. Pôr, por exemplo, alguém a jogar com as qualidades de um craque dos anos 80 nos dias de hoje! O Miguel consegue isso, o que é absolutamente incrível e notável.

Que jogadores destacaria?

Nuno Pinheiro, Flávio Cruz, Ivo Casas, Vinhedo, Ricardo Perini, Hugo Ribeiro, João Fidalgo e o Hugo Gaspar que é, também, um fenómeno, sobretudo por se tratar de um médico que ainda consegue aguentar a jogar depois de tantas horas de trabalho. Certamente estarei a ser injusto com tantos outros...

Qual a mensagem que gostaria de deixar à juventude que pratica voleibol?

Sejam ambiciosos e, ao contrário daquilo que fui enquanto atleta, espero que se empenhem mais. Muitas das vezes queremos tudo muito depressa, mas nada se consegue sem persistência e muito trabalho. Há opções que temos de tomar na vida e nem sempre se consegue conciliar um curso superior com a vida de atleta de alta competição. Há que fazer sacrifícios. •

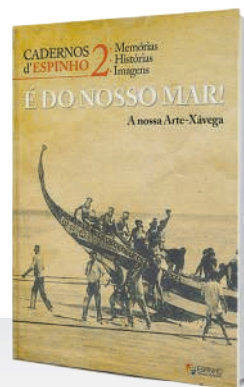
CADERNOS d'ESPINHO

As memórias que fazem a história de Espinho chegaram ao seu jornal. Em Agosto, na compra de um exemplar Defesa de Espinho, pode adquirir os primeiros quatro volumes da coleção Cadernos d'Espinho com preço exclusivo. Não perca a oportunidade de reviver a história local e de a partilhar com os seus mais próximos.

ÀS QUINTAS-FEIRAS
5,95€
+
jornal DE



1º Volume
Vamos A Banhos
6 agosto



2º Volume
É do Nosso Mar!
13 agosto



3º Volume
Sorte ao Jogo
20 agosto



4º Volume
Grandes Empreendedores
27 agosto

Campanha promovida de 06 a 27 de agosto, exclusiva para leitores ou assinantes do jornal Defesa de Espinho e limitada ao stock disponível. Cada um dos volumes tem um preço de venda ao público de 5,95€, quando adquirido em conjunto com a respectiva edição do jornal. Os títulos estarão disponíveis para venda durante duas semanas. Para encomendar ou solicitar mais informações, contactar comercial@defesadeespinho.pt / 227341525 / 936540320 (dias úteis, das 9h30 às 18h30).

passa a correr

TREINO



Correr na areia torna o atleta mais forte, mas requer cuidados

A chegada do verão, o tempo agradável junto ao mar e a possibilidade de poder utilizar a praia, são tudo razões convidativas para que a corrida no areal tenha cada vez mais adeptos. Correr na areia é diferente, o piso é mais irregular e solto, dificultando a estabilidade no momento da corrida. Contudo, ajuda a fortalecer os músculos das pernas, daí ser um tipo de treino muito utilizado por atletas de competição.

LISANDRA VALQUARESMA

A CORRIDA ESTÁ cada vez mais presente no dia-a-dia e há já quem não saiba viver sem ela. Em Espinho, à semelhança de outras cidades, há sempre corredores a trilhar novos destinos, a escolher as ruas da cidade ou, nesta altura de verão, a eleger a praia de Espinho para uma corrida na areia.

Este tipo de exercício é muito habitual entre atletas, mas começa a despertar cada vez mais curiosidade em todos aqueles que gostam de uma boa corrida e de aproveitar a praia ao mesmo tempo. No entanto, há cuidados a ter e conselhos que devem ser tidos em conta na hora de escolher este local para uma corrida.

Em Espinho, numa cidade composta por um grande areal, sempre houve este costume. Contudo, a tendência tem aumentado de verão para verão. A secção de atletismo/António Leitão do SC Espinho, dedica-se a este tipo de treinos de forma a preparar os seus atletas, “nomeadamente a partir de setembro, como preparação da época desportiva”, conta Rui Santos, membro da organização que já realizou duas edições da Espinho Beach Run. Com a realização destas edições de corrida pelo areal, “o número de pessoas a correr na areia aumentou, no entanto ainda é um tipo de treino pouco usado pelos amantes da corrida, que preferem o passadiço ou a marginal. Esta é uma boa forma de preparação para

a corrida que deveria ser mais usada. Contudo, não deverá ser uma forma de treino que se faça diariamente, mas sim um complemento de treino e uma forma de melhorar a nossa capacidade para a corrida”, explica Rui Santos.

“Os atletas de competição usam este tipo de treino para melhorarem o seu rendimento”

Rui Santos

Eleger a areia para a prática da corrida não é novidade para a maioria dos atletas. “A equipa de atletismo do SC Espinho, dos anos 70 e 80 do século passado, onde se destacava o atleta olímpico António Leitão, treinava com frequência nas praias da cidade”, tal como conta Rui Santos. Segundo este membro da modalidade, “o principal objetivo da corrida na areia é fortalecer os músculos das pernas, assim como aumentar a resistência dos atletas, sendo por isso muito utilizado por atletas de competição.”

Para quem pretende experimentar há aspetos a ter em atenção. Entre correr na areia seca ou molhada, é preferível escolher a segunda opção, uma vez que “o terreno é mais estável, favorecendo a estabilidade da nossa postura na corrida. No entanto, as áreas molhadas são junto ao mar onde, normalmente, o declive do terreno é maior, fazendo com que as pernas estejam em níveis diferentes, levando a que as pessoas fiquem

com uma postura incorreta”, explica Rui Santos. Desta forma, “se a corrida for efetuada numa praia com declives baixos podem escolher a areia molhada, mas se isso não acontecer é preferível fazer o treino na areia seca numa área plana.”

Outra das dúvidas com que muitos se debatem é a utilização de sapatilhas para correr ao longo do areal. Rui Santos explica que “correr de sapatilhas confere maior estabilidade durante o treino, pelo que deve ser sempre a opção. Correr descalço na areia, junto ao mar, é agradável podendo ser feito, desde que existam cuidados”, no que diz respeito às zonas de declive.

A Espinho Beach Run é uma prova que dá atenção a todos estes aspetos. Fomenta este género de treino no início de cada época, sendo uma forma “apropriada para a preparação dos atletas”, já que se realiza no fim de setembro. Rui Santos explica que “esta será sempre uma prova de atletismo com a presença de excelentes atletas, mas acima de tudo, uma festa do atletismo e da cidade na sua área nobre, a praia.”

CUIDADOS A TER:

- Optar sempre por usar sapatilhas
- Preferir areia molhada em vez da seca
- Se existir declive na areia molhada, optar pela parte seca em zona plana
- Esta corrida não deve ser feita diariamente

FUTEBOL - SC ESPINHO

Estádio do Bolhão deixa de ser ‘casa’ dos tigres



A EQUIPA DE FUTEBOL do SC Espinho deixará de utilizar o Estádio do Bolhão, em Fiães, já esta temporada, nos jogos com fator casa. Em comunicado, o clube confirma a quebra de um protocolo que já estava assumido para 2020-21, justificando a decisão com base em “diferentes visões, interpretações e exigências”. Expressando “mágoa pela atitude do Fiães SC”, os tigres fizeram, no entanto, questão de “agradecer às gentes fianenses a hospitalidade das duas últimas épocas”.

Já a direcção do clube de S. M. Feira assumiu que esta ruptura se deveu a “divergências inultrapassáveis relativas ao tratamento do relvado do estádio”, acrescentando que “era obrigação” do SC Espinho “suportar os custos” de uma intervenção no terreno de jogo, que está num “estado lastimável”.

O futebol sénior do SC Espinho está, agora, à procura de nova casa emprestada, não havendo novidades até ao fecho desta edição. Segundo apurou o Defesa de Espinho, não

está descartada a possibilidade dos alvi-negros virem a jogar num estádio do distrito do Porto, uma vez que os regulamentos prevêem que, em situações excepcionais, as equipas não joguem no seu distrito de origem.

CAMPEONATOS COM NOVO FORMATO EM 2021

A primeira fase do Campeonato de Portugal irá realizar-se a 20 de setembro, com oito séries, com 12 equipas cada. O primeiro classificado de cada série apura-se para o acesso à 2.ª Liga e do segundo ao quinto classificado irão disputar o acesso à 3.ª Liga que irá jogar-se na época de 2021/2022. As últimas quatro equipas de cada série descem ao campeonato distrital.

O acesso à 2.ª Liga é formado por duas séries com quatro equipas cada, que irão jogar a duas voltas, todos contra todos. O primeiro classificado de cada uma das séries sobe à 2.ª Liga.

Na luta pelo acesso à 3.ª Liga serão formadas oito séries de quatro equipas cada, jogando-se a duas voltas, todos contra todos. Os dois primeiros classificados de cada uma das séries são promovidos à 3.ª Liga na época de 2021/2022 que irá contar com a participação de 24 clubes. O Campeonato de Portugal, nessa época, terá 60 equipas e na época seguinte, apenas 56. A 3.ª Liga irá ficar, em 2023/2024, com apenas 20 equipas. •

VOLEIBOL

João Pedrosa vice-campeão nacional de Vólei de Praia

O CENTRO de Alto Rendimento de Voleibol de Praia, em Cortegaça, recebeu, no passado fim-de-semana, a etapa final do Campeonato Lidl, o nacional desta variante. Entre os vários jogadores espinhenses presentes, destaque para João Nuno Pedrosa – atleta apoiado pela Federação Portuguesa de Voleibol – que fez dupla com Hugo Campos e ambos ficaram na segunda posição do campeonato. Na final da competição, Pedrosa e Campos foram ultrapassados por Ivo Casas e Tiago Violas, em dois sets (21-15 e 21-16).

O espinhense vai apresentar-se, agora, em Montpellier, para uma etapa de uma estrela do FIVB World Tour, que arranca a 25 de agosto. João Nuno Pedrosa e o parceiro Hugo Campos vão jogar o quadro princi-



pal da competição, onde estará outro representante da nossa cidade: Guilherme Maia vai seguir as pisadas do pai na elite mundial do beach-volley, fazendo dupla com Filipe Leite, na fase de qualificação. •

OFF. BOM FIM DE SEMANA



Em 1997 foi criado o Centro Português de Fotografia e estabelecido, pelo Ministro da Cultura, que teria sede na antiga Cadeia da Relação.

O melhor do mundo é grátis e o centro de fotografia, no Porto, também



© DIREITOS RESERVADOS



Defronte ao Jardim da Cordoaria, no Porto, o imponente edifício do século XVIII, que ainda hoje muitos conhecem por 'Cadeia da Relação', acolhe, há mais de 20 anos o Centro Português de Fotografia. O facto de, nesta semana, se comemorar o Dia Mundial da Fotografia (19 de agosto) é um bom pretexto para conhecer melhor este espaço cultural.

O CPF tem uma programação cultural regular, que neste momento oferece três exposições temporárias e **todas de acesso gratuito**: a primeira, "Mitos Adiados", é uma recolha de Carlos Cardoso sobre o douro vinhateiro; a segunda é uma exposição inédita no nosso país, designada por "Hollywood Icons: Fábrica de Estrelas", que regista as principais estrelas da indústria do cinema americano, entre os anos 20 e 60 do século passado; finalmente, a terceira tem o título de "Jogo de espelhos: a cidade fragmentada", e é uma seleção de retratos da vida urbana, com trabalhos de fotógrafos como Sebastião Salgado ou Henri Cartier-Bresson.

Depois da fotografia, aproveite e conheça as diversas opções gastronómicas na zona dos Clérigos, com destaque para a humilde, mas generosa, Taberna d'Ávó, junto ao Mosteiro S. Bento da Vitória.

[dia 3] PARA NÃO DISPERSAR e porque o Porto tem uma oferta que não caberia num guia de três dias, voltemos a olhar para a zona da Cordoaria e dos Clérigos. Desta vez, para o edifício que olha de frente para o CPF: o Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto. Se ainda não teve oportunidade de conhecer este espaço e, em particular, de visitar a exposição "Um Século e Tanto" – comemorativa dos 130 anos da National Geographic (NG) – é obrigatório que o faça. Até porque, a organização deu mais uma oportunidade, alargando a mostra até dezembro de 2020. O Museu está aberto ao domingo, entre as 10 e as 18 horas, e os bilhetes para aceder à exposição custam 4€ (normal) e 2€ (+ 65 anos). Entretanto, se a tarde estiver soalheira, aproveite o final do dia para ver um dos melhores pores-do-sol do país: o do Jardim das Virtudes. É um pequeno jardim, situado nas traseiras do Tribunal do Porto, com uma vista fabulosa sobre o Douro. Será uma ótima forma de terminar a sua semana e vai dar... boas fotografias! •

1. MITOS ADIADOS

É o título de umas das exposições temporárias do Centro Português de Fotografia. Tem entrada livre e mostra a beleza crua do Douro Vinhateiro.

2. TORRE DOS CLÉRIGOS

Nicolau Nasoni sonhou com uma torre sineira que "dominasse" a paisagem portuense. Hoje é um dos monumentos mais conhecidos (e fotografados) em toda a Europa.

3. UM SÉCULO E TANTO

Não é uma novidade, mas recentemente viu o seu prazo alargado até dezembro deste ano. A exposição dos 130 anos da National Geographic está no Porto, é uma ode à fotografia de natureza e merece ser visitada por todos.

4. CAFÉ PIOLHO

É por este nome – e não pelo oficial café Ancora D'Ouro – que é conhecida a cafeteria mais conhecida na zona dos Clérigos. Sente-se por lá e refresque-se com um fino.

NELSON SOARES

[dia 1] AGOSTO AINDA É O MÊS de férias para a maior parte dos portugueses. Assim, há fortes probabilidades de ter a agenda livre e poder aproveitar as nossas sugestões, logo na manhã desta sexta-feira, dia 20. Vá até à baixa do Porto – de carro, metro, comboio ou até eléctrico – suba até à zona dos Clérigos e conheça o bonito Jardim João Chagas, mais conhecido por Jardim da Cordoaria. Aprecie as peças de escultura ali presentes e tome um 'cimbalino' no Café Piolho. Volte-se, depois, para o lado sul da Cordoaria, onde emerge o grande edifício criado em 1796 para acolher o Tribunal da Relação do Porto e o respetivo estabelecimento prisional. Durante quase 200 anos, o monumento teve essa utilização e foi o "cárcere" de muitos reclusos famosos, como Camilo Castelo Branco. Desde 1997, é ali que funciona o Centro Português de Fotografia (CPF), constituindo o principal arquivo nacional da mais popular e democrática forma de arte.

[dia 2] REGRESSE À IGREJA dos Clérigos no final da manhã de sábado e faça a mais do que obrigatória visita à igreja e à torre do edifício mais icónico da cidade do Porto. Projetado por Nicolau Nasoni, é um exemplar do barroco tardio, tendo sido inaugurado em 1763. As visitas já voltaram a ser permitidas, mas o bilhete diurno tem um custo de 6€, sendo de entrada gratuita para crianças até 10 anos. Na nossa opinião, o investimento é mais do que justificado, sobretudo se arriscar subir os 225 degraus da torre sineira.

No período da tarde vagueie pelo comércio local, a começar pelo requalificado Passeio dos Clérigos (antiga Praça Lisboa), e aproveite para conhecer algumas das novidades que o Porto vai conhecendo, como o Size Restaurante – instalado no terraço das galerias Marques Soares – ou a sempre apetecível esplanada da Leitaria da Quinta do Paço. Jante no restaurante Carlos Alberto, situado na praça com o mesmo nome.



PIB



Sérgio Almeida, escritor e jornalista



“Gostava de fazer uma sessão na minha terra”

“A escrita para crianças é a reconciliação com um lado primacial da existência que não renego por nada”

“O sucesso é um conceito que, do meu ponto de vista, não se constrói apenas em torno da vertente comercial, mas abrange também (ou sobretudo?) a realização pessoal”

“Estive no jornal Defesa de Espinho e na Rádio Globo Azul. A rádio é toda ela emoção e imprevisibilidade. Lanço, por isso, a minha colherada enquanto espinhense: como é possível que uma terra como esta esteja há tanto tempo privada de uma emissora radiofónica?”

“O sucesso é um conceito que, do meu ponto de vista, não se constrói apenas em torno da vertente comercial, mas abrange também (ou sobretudo?) a realização pessoal”

“Estive no jornal Defesa de Espinho e na Rádio Globo Azul. A rádio é toda ela emoção e imprevisibilidade. Lanço, por isso, a minha colherada enquanto espinhense: como é possível que uma terra como esta esteja há tanto tempo privada de uma emissora radiofónica?”

“O sucesso é um conceito que, do meu ponto de vista, não se constrói apenas em torno da vertente comercial, mas abrange também (ou sobretudo?) a realização pessoal”

de Moraes, Rubem Fonseca, Chico Buarque ou Elis Regina, sempre foi uma grande paixão cultural na minha vida. Daí que, quando surgiu a possibilidade de editar o livro no Brasil pela editora que lançou nesse país o Valter Hugo Mãe, não a enjeitei, tendo feito uma digressão durante um par de semanas que constituiu uma experiência enriquecedora. **O jornalismo era o seu futuro? Estava-lhe reservado quando encetou carreira na imprensa local/regional...**

“O sucesso é um conceito que, do meu ponto de vista, não se constrói apenas em torno da vertente comercial, mas abrange também (ou sobretudo?) a realização pessoal”

A certeza tive-a quando entrei para o jornal Defesa de Espinho, logo aos 18 anos. Foi uma experiência fundamental que me permitiu uma grande vantagem em relação aos colegas do curso de Comunicação Social: enquanto eles apenas aprendiam a teoria das aulas, eu tive a sorte de colocar em prática, graças também aos ensinamentos do saudoso Álvaro Graça, um dos meus mestres. Nesses seis anos, tive a sorte de acumular experiências muito positivas, cobrindo acontecimentos tanto da política, como desporto, cultura ou sociedade, além de, devido à crónica falta de gente, ser não só jornalista, mas também revisor, fotógrafo ou o que mais que tivesse ser. •

“Se um livro não tiver a ilusão de mudar alguma coisa – seja o autor ou o mundo –, então não serve para nada”, afirma Sérgio Almeida, escritor e jornalista do Jornal de Notícias.

LÚCIO ALBERTO

RESULTOU EM SUCESSO a publicação do livro infantojuvenil “Ema e a Estrela Carente”?

Os ecos que me têm chegado, quer de escritores quer de leitores anónimos, têm sido muito positivos e representam um alento importante. Dos primeiros que referi, destaco as críticas muito favoráveis de autores como João Pedro Mésseder, João Manuel Ribeiro, António Mota ou Lúcia Vaz Pedro, através de recensões que

muito me sensibilizaram. No entanto, confesso que o barómetro mais importante ainda está por medir. Refiro-me às apresentações nas escolas, que, pelos motivos que todos conhecemos, tiveram que ser adiadas “sine die”. aguardo com muita curiosidade esse contacto com leitores que de pequenos têm apenas o tamanho. Para já, tenho agendada uma sessão de autógrafos na Feira do Livro do Porto no dia 6 de setembro (às 17 horas, no stand da editora Mosaico de Pala-

CLÍNICA DENTÁRIA DE ESPINHO
PROF. DOUTOR CASIMIRO
DE ANDRADE

RUA 22 (JUNTO À CÂMARA)
TLF. 227 344 909 / 968042300 / 919 002 700

Especialidade em Peixe de Mar
Os Melinhos
Restaurante Marisqueira

Rua 2, n.º 1269 - 4500-261 Espinho • Telef. 220193486 • Tlm. 916921089

Jorge Ferreira Bruno Morris
MÉDICOS DENTISTAS

SAMS QUADROS | SAMS | CGD | ADVANCE CARE | MÉDIS

Edifício S. Pedro - Sala W
Rua 23, n.º 174

22 734 86 93



PASSATEMPO

Dia Mundial da Fotografia

19 de agosto



A



B



C

“Hoje, tudo existe para acabar numa fotografia”

Susan Sontag

Não podia ser mais atual a emblemática expressão da crítica de arte, Susan Sontag, sobre a fotografia. Das selfies, à cultura ‘instagrammica’, tudo parece justificar um registo de imagem, numa vertigem acentuada pelo acesso cada vez mais democrático à tecnologia.

Mas a fotografia não deixa de ser “verdade” – como a definiu Godard – e uma extraordinária forma de captar a beleza que nos rodeia. Foi por isso que lançamos o desafio a todos os fotógrafos locais de captar Espinho e, dessa forma comemorar o Dia Mundial da Fotografia (19 de agosto). Estes foram os trabalhos que reuniram o maior consenso junto da nossa equipa.

A. Nuno Mendes

B. Rui Sampaio

C. Vitor Sousa

DEFESA DE ESPINHO

ESPINHO POR DENTRO.

RECEBA ESTE JORNAL EM SUA CASA!

Assinatura anual do jornal Defesa de Espinho, por €30.

Envie os seus dados pessoais para
comercial@defesadeespinho.pt
ou ligue 227 341 525 / 934 032 770

foto com memória

16 agosto 1990

Descoberta em Silvalde não era o que se pensava



Corria o verão de 1990 quando foram descobertos achados arqueológicos na praia de Silvalde.

A armação de madeira encontrada indicava que se tratava de uma embarcação da era romana. Várias escavações foram realizadas, de acordo com o estado do mar, e algumas peças de madeira foram retiradas do local para analisar. No entanto, no fim de agosto descobriu-se que afinal o achado não passava de uma armadilha para a captura de peixe.



APOIO À EMERGÊNCIA MÉDICA

Cardio Drone nas praias para salvar vidas a partir de 2021



© FRANCISCO AZEVEDO

TESTADO EM ESPINHO. Chama-se *Cardio Drone* e tem o objetivo de ser mais um equipamento destinado a salvar vidas, em contexto de emergência. Numa simulação, que teve lugar entre as praias dos Pescadores e de Paramos, no passado dia 12 de agosto, o drone com desfibrilhador mostrou-se uma solução eficaz no apoio aos banhistas.

MANUEL PROENÇA

O **DRONE DESCOLOU** da Praia dos Pescadores, junto aos apoios de pesca, e demorou apenas dois minutos a chegar a Paramos. Através de uma aplicação de telemóvel, foi acionado o equipamento e dada a instrução para fazer descer o Desfibrilhador Automático Externo (DAE), que

serve imediatamente de meio de assistência à pessoa que entrou em paragem cardiorrespiratória. Parece simples, mas o processo é executado por técnicos socorristas, devidamente habilitados a executarem manobras de desfibrilhação e de suporte imediato de vida.

Foi assim que decorreu o simulacro promovido no dia 12 de agosto, que contou com a participação dos Bombeiros do Concelho de Espinho (BVCE) e da Proteção Civil, representada pelo vereador da Câmara Municipal, Quirino Jesus. A iniciativa foi conjunta e envolveu a empresa

Ocean Medical, bem como o Movimento salvar Vidas (MSV).

Marco Castro, da Ocean Medical, diz que o projeto “não substitui o 112, mas complementa esse serviço”, sublinhando que a grande vantagem deste equipamento está no uso de aplicação de telemóvel, que permite, não apenas ativar o drone, mas também “comunicar com os socorristas” que estão disponíveis.

Por sua vez, o presidente do MSV, Gabriel Boavida, dá nota de que o sistema “pode garantir o socorro nos primeiros 10 minutos” que é a “janela de oportunidade nas paragens cardiorrespiratórias”.

Para o representante, a app “é como uma ‘via verde’ que faz sair o drone, e muito provavelmente será o primeiro meio de socorro a chegar” ao local. “Em qualquer parte da Europa, os meios de emergência demoram cerca de 11 minutos a chegar à vítima. Este drone permite cobrir um raio de 10 quilómetros em cinco minutos e isso fará toda a diferença”, acrescenta.

Por sua vez, o coordenador do Serviço Municipal de Proteção Civil de Espinho, Pedro Louro, entende que este projeto-piloto “poderá ser uma mais-valia no contexto das praias”. E explica: “nos últimos anos, temos vindo a apostar em dispositivos de maior segurança aos banhistas nas praias do concelho de Espinho e, por isso, este pro-

jeto fazia todo o sentido ser acolhido aqui. Parece-me tratar-se de um meio eficaz que permite ganhar algum tempo em locais de difícil acesso ou quando estão muitas pessoas na praia. Mas é, sobretudo, eficaz a partir de uma distância de dois quilómetros”, subli-

na o, também, comandante dos BVCE.

O programa “Cardio Drone” está a ser desenvolvido por um consórcio privado e deverá estar concluído no próximo ano, a tempo de ser implementado pelos municípios na época balnear de 2021. •

“CARDIO DRONE PODERÁ SER UMA MAIS-VALIA NO CONTEXTO DAS PRAIAS”.

Pedro Louro,
Coordenador Municipal da
Proteção Civil

“NÃO SUBSTITUI O 112, MAS COMPLEMENTA ESSE SERVIÇO”.

Marco Castro,
da Ocean Medical

“APLICAÇÃO É UMA ‘VIA VERDE’ QUE FAZ SAIR O DRONE, E MUITO PROVAVELMENTE SERÁ O PRIMEIRO MEIO DE SOCORRO A CHEGAR”.

Gabriel Boavida,
presidente do MSV



Fonte: www.ipma.pt